

Parte II - A atualidade e a particularidade do objeto

5. A ação do Partido de Representação Popular (PRP) e os “Águias brancas”; elos entre a antiga militância e os intelectuais do Sigma contemporâneos

Jefferson Rodrigues Barbosa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARBOSA, JR. A ação do Partido de Representação Popular (PRP) e os “Águias brancas”; elos entre a antiga militância e os intelectuais do Sigma contemporâneos. In: *Chauvinismo e extrema direita: crítica aos herdeiros do sigma* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 198-252. ISBN 978-85-68334-68-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PARTE II
A ATUALIDADE E A PARTICULARIDADE
DO OBJETO

5.

A AÇÃO DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR (PRP) E OS "ÁGUIAS BRANCAS"; ELOS ENTRE A ANTIGA MILITÂNCIA E OS INTELLECTUAIS DO SIGMA CONTEMPORÂNEOS

No Brasil, os antigos aliados do fascismo italiano e seus congêneres continuaram após a Segunda Guerra a se rearticular, possibilitando em perspectiva gramsciana a interpretação de uma guerra de posição e uma guerra de movimento, na continuidade de atuação desses grupos.

Com a extinção dos partidos políticos, decretada com o golpe do Estado Novo em 1937, os integralistas ficaram no ostracismo até 1945, quando Plínio Salgado retornou do exílio imposto pela ditadura varguista fundando o Partido de Representação Popular (PRP).

O contexto em questão marcou a primeira reestruturação institucional do integralismo no século XX e representou a segunda fase de continuidade da organização, atuando através do PRP e dos Centros Culturais de Juventude (CCCJs). Os seguidores de Plínio Salgado cumpriram a função social de componentes da dominação burguesa, defendendo posições excludentes e reacionárias para a manutenção da ordem. Integralistas e outros nacionalistas da agremiação do PRP naquele período eram chamados de populistas.

O PRP foi analisado em profundidade nas pesquisas de Calil (2001; 2005), autor da investigação mais completa e profunda sobre a agremiação. Nas suas pesquisas sobre Plínio Salgado e a atuação do partido, Calil apontou a questão do nacionalismo como um dos temas recorrentes nas publicações integralistas das décadas de 1940 a 1960.

O nacionalismo como componente ideológico fundamental do PRP, segundo Calil (2001), pode ser exemplificado em trechos de artigos de Plínio

Salgado, nos quais a valoração chauvinista foi afirmada como o “fundamento moral” e base da educação de um povo; propriamente, o nacionalismo segundo os intelectuais do Sigma era entendido como uma escola de nacionalidade (Calil, 2001, p.214). A formação da consciência nacional e de regeneração da Pátria era explicitada como um processo educacional, segundo a imprensa do PRP estudada por Calil (2001).¹

No sentido de reorganização das condições materiais para a continuidade da difusão do nacionalismo, os herdeiros do Eixo, através de instituições geradoras de cultura como jornais, editoras, livrarias, associações civis e partidos políticos, construíram também no Brasil uma complexa rede para continuidade e difusão de suas concepções políticas. Essa situação pode ser estudada focalizando o aparente proselitismo político caracterizado pela migração de muitos militantes chauvinistas para partidos políticos conservadores e democrata-cristãos depois da Segunda Guerra Mundial, como é o caso do Partido de Representação Popular (PRP), fundado por Plínio Salgado. Rapidamente após a fundação da legenda, Plínio lançou jornais, como *A Marcha*, *Idade Nova*, as editoras *Voz do Oeste* e *Livraria Clássica Brasileira*, com o objetivo de influenciar segmentos da opinião pública e intervir nas disputas políticas através de diferentes formas de propaganda política e formação ideológica. O PRP, por exemplo, também ofereceu um programa de rádio chamado *Palestras com o povo* entre 1957 a 1958.

No período em que se iniciava a denominada Guerra Fria, o anticomunismo e o nacionalismo dos militantes do PRP foram úteis à manutenção da ordem burguesa. A *Livraria Clássica Brasileira* foi um grande empreendimento dos militantes do Sigma. Durante as décadas de 1950 e 1960, a editora possuiu mais de 400 pontos de venda, além de mais de 20 mil clientes, segundo o jornal *A Marcha*, de outubro de 1963 (Christofoletti, 2011, p.82).

Para o autor, a articulação da livraria foi financiada com contribuições de políticos, banqueiros e industriais que possuíam grande interesse na difusão dos títulos de publicações anticomunistas distribuídos pela editora do PRP.

1 “No movimento de regeneração nacional, ‘mães, escolas primárias e escolas secundárias seriam as três forças capazes de forjar homens de que a pátria necessita’. A formação de uma ‘consciência nacional’ se daria ‘nas comemorações das datas magnas da nossa história, no culto pelos nossos heróis, pelo ensinamento incessante pela disseminação do amor a pátria [...]’.” (Calil, 2001, p.218).

As pesquisas de Gilberto Calil (2005) sobre as relações dos integralistas com o golpe de 1964 também confirmam o financiamento das publicações do PRP por parte de frações da burguesia que tinham interesse nas publicações integralistas por disseminarem o anticomunismo. Um exemplo destacado pelo autor foi o do Serviço Social da Indústria de São Paulo, que comprava muitas edições da editora Livraria Clássica brasileira para distribuição entre seus associados.²

Calil (2005) também apontou que os financiamentos de frações da burguesia no contexto de arranjo para o golpe militar proporcionaram recursos para um programa semanal de TV em 1963:

Os integralistas voltaram a receber expressivo apoio de integrantes da grande burguesia para a sustentação de um programa semanal de televisão e o relançamento do jornal *A Marcha*, cuja circulação fora suspensa em 1962. O programa televisivo foi ao ar, semanalmente, entre maio e agosto de 1963. Seu alto custo teria sido financiado pelas “classes conservadoras”, embora o apoio tenha sido insuficiente para mantê-lo no ar. (Ibid., 2005, p.69)

O Partido da Representação Popular (PRP) apresentou-se como um fenômeno político relacionado ao contexto internacional no qual antigos fascistas, nazistas e, no caso brasileiro, integralistas, sobreviveram dentro de legendas partidárias que surtiram o efeito de abrigar ideólogos do chauvinismo que buscavam apresentar uma imagem de legalidade dentro das instituições

2 “Assim, a intervenção de um movimento que arregimenta e mobiliza setores da pequena burguesia para um projeto antioperário e subordinado à ordem vigente é um fenômeno da maior importância na luta de classes [...]. A subordinação dos integralistas aos grupos dominantes também é evidenciada pelo estabelecimento de vínculos orgânicos com grupos e entidades de classe representativos de diferentes frações da grande burguesia. O semanário integralista de âmbito nacional *A Marcha* que circulou entre 1953 a 1965 teve entre seus principais anunciantes regulares grandes instituições financeiras – Banco Mauá, Banco Hipotecário Gramacho [...]. Ainda mais direto foi o apoio de integrantes da burguesia na constituição da editora integralista Livraria Clássica Brasileira, destacando-se o banqueiro Gastão Vidigal e o industrial Euvaldo Lodi dentre seus principais acionistas. A Livraria Clássica Brasileira publicou as principais obras de Salgado e dos demais autores integralistas e traduziu e editou dezenas de obras anti-comunistas, reunidas na coleção Estrela do Ocidente. Algumas destas obras eram compradas em grande quantidade pelo Serviço Social da Indústria para distribuição para seus associados. A existência desses vínculos não significa que o PRP fosse a opção preferencial de qualquer fração da burguesia brasileira, mas apenas que cumpria um papel que atendia aos seus interesses, particularmente pela disseminação do anticomunismo.” (Calil, 2005 p.58).

políticas para a continuidade da defesa de seus princípios (Caldeira Neto, 2011, p.45).

As publicações do PRP indicavam, segundo o autor, que ocorria uma infiltração comunista em vários setores da sociedade. Era denunciada, por exemplo, a ação dos comunistas nas instituições educacionais e no movimento estudantil (Calil, 2001, p.318).

A atuação e a influência do PRP não foram hegemônicas no cenário político brasileiro do período, entretanto, alguns momentos foram expressivos. Algumas de suas conquistas foram os quatro mandatos como deputado federal de Plínio Salgado e Raimundo Padilha, este último atuou como deputado federal em 1952. Ambos integraram como deputados a Comissão de Educação e Cultura. Godofredo da S. Telles foi eleito deputado estadual em São Paulo, em 1946, e deputado federal, em 1951. E muitos outros membros do PRP foram eleitos para cargos nas esferas estaduais e municipais.³ Importantes postos, interpretado em perspectiva gramsciana de guerra de movimento, foram alcançados por algumas lideranças integralistas naquele período do PRP e também posteriormente com a ditadura militar. Um exemplo é a nomeação de Raimundo Padilha, indicado para o governo do Estado do Rio de Janeiro em 1971.⁴

A pesquisa de Caldeira Neto (2011, p.48-9) também apontou as estratégias de Plínio Salgado para aglutinar antigos militantes da AIB e novos aliados através da participação nas disputas políticas institucionalizadas com a aparente adesão às regras da democracia representativa, buscando transmitir a imagem de partido democrático e desvinculado do apoio e identidade ideológica dos regimes fascistas e nazistas. Para a legitimação desta farsa, a estratégia foi retirar palavras e frases de apoio aos regimes da Itália, Alemanha, Portugal e Espanha nas reedições de livros integralistas publicados na década de 1930, como foi apontado na primeira parte desta investigação.

3 Para a análise detalhada da trajetória do PRP, consultar Calil (2005).

4 Segundo Christofletti (2010, p.36): “Calil sustenta a tese de que o PRP, ao longo de sua trajetória, tornou-se um partido nacional. [...] Os números absolutos das votações do PRP não são desprezíveis, sobretudo se comparados aos partidos de porte médio. O PRP elegeu, no decorrer de sua existência, um total de 26 mandatos de deputados federais e 97 deputados estaduais, distribuídos em 15 estados e no Distrito Federal, o que revela que esteve presente no debate político da maior parte do território nacional. Majoritariamente o PRP foi mais bem votado nas regiões sudeste e sul, o que também afiança a antiga e tradicional base do eleitorado integralista cooptado desde os tempos da AIB.” (2010, p.36).

No PRP, existiu uma ala jovem que representava o setor mais hegemonicamente integralista dentro do partido, os militantes denominados “águias brancas”, como eram chamados os membros das Confederações dos Centros Culturais de Juventude (CCCJs).

A juventude do partido era a tendência mais apologética do integralismo dentro do PRP e muitos “águias brancas” foram responsáveis pela continuidade da divulgação da ideologia do Sigma após a morte de Plínio Salgado em 1975 (Caldeira Neto, 2011, p.61).

Os militantes “águias brancas” foram efetivamente uma importante organização dentro do PRP que se tornou fundamental para o resgate da valorização dos símbolos e convicções ideológicas integralistas para uma nova geração de jovens do Sigma que exerceu um papel fundamental na continuidade da divulgação da ideologia integralista.

A organização, em acepção gramsciana, de aparelhos privados de hegemonia, materializados nos núcleos e centros de preservação da memória integralista, foi inaugurada inicialmente a partir na década de 1980 e com desdobramentos importantes a partir da década de 1990, e a atuação dos “águias brancas” naquele processo foi imprescindível, como será apontado adiante nesta investigação.⁵

Segundo informações obtidas na tese de Rodrigo Christofolletti (2010, p.63) foram localizadas referências de dados acerca do número existente dos

5 “Naquele contexto da primeira década do pós-guerra, já começava a ficar evidente o papel de destaque que o militante Gumercindo Rocha Dórea, líder dos “Águias brancas” iria executar como um dos mais importantes intelectuais do Sigma. Gumercindo Rocha Dórea, presidente da CCCJ publicou uma série de artigos em 1956, nos quais defendia uma mobilização das forças integralistas para retomada de algumas bandeiras que, segundo ele, haviam sido cooptadas pelos opositores. [...] Sob estes aspectos, a CCCJ e os “Águias brancas” tiveram participação crucial para a manutenção da ideologia integralista, não deixando somente a cargo do PRP a tarefa de *persistência* do ideal dos camisas verdes. De acordo com Carneiro, utilizando do conceito de participação política de Gramsci, os integralistas (e o integralismo) adotavam diversificadas estratégias em relação à conjuntura política: uns em guerra de movimento, outros em guerra de posição. Aqueles em guerra de movimento seriam os integralistas inseridos na plataforma político-partidária, ou seja, os integralistas perrepeistas. Em contrapartida, aqueles em guerra de posição seriam os integralistas águias-brancas, determinados a salvaguardar a doutrina e filosofia integralista nos Centros Culturais da Juventude. É necessário ressaltar, no entanto, que essa divisão estratégica não significava uma divisão concreta dentro dos integralistas, pois havia aqueles que eram militantes do PRP ao mesmo tempo em que participavam do CCCJ, como era o caso de Gumercindo Rocha Dórea entre outros.” (Caldeira Neto, 2001, p.61-4).

Culturais da Juventude, que chegou a 320 núcleos em atuação simultânea. A investigação de Christofolletti (2010) também destacou que os integralistas sob o entorno do PRP e dos CCJ articularam alianças com outras organizações anticomunistas atuantes no período, como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes), o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad), a Ação Democrática Parlamentar, o Movimento Anticomunista (MAC) e o Grupo de Ação Patriótica (GAP).

O anticomunismo foi um dos elementos ideológicos mais importantes que caracterizaram a plataforma ideológica do PRP, configurada no contexto de início da Guerra Fria como expressão nacional particular entre a universalidade dos fenômenos políticos representados por partidos conservadores e nacionalistas que marcaram o período em questão em muitos países sob a bandeira do perigo vermelho (Motta, 2002).

O papel e função social dos integralistas, compreendidos como “cães de guarda da ordem burguesa”, segundo a expressão que consta no título da tese de Gilberto Calil (2005), ficaram evidenciados nos préstimos executados pelo PRP, nas denúncias e combates contra os comunistas para as forças de repressão do Estado através de informações levantadas pelo “serviço secreto” do PRP (Calil, 2001, p.317-8).

Entre os militantes na década de 1940 a 1960 que exerceram influência decisiva para a reorganização dos camisas verdes na segunda metade do século XX, Gumercindo Rocha Dórea foi, como apontado, um dos maiores expoentes. Este intelectual do Sigma assumiu na época a presidência da Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJs). Gumercindo Dórea, assim como José Batista de Carvalho, foram ativos “águias brancas”; além de Genésio Pereira Filho, que militou na década de 1950 como secretário nacional de Arregimentação Estudantil do PRP.

Corroborando com a identificação do anticomunismo como uma importante bandeira ideológica dos integralistas no PRP, Chistofolletti (2011) destacou também o anticomunismo e a articulação de diferentes organizações que mantinham relação com o PRP durante toda a década que antecedeu o golpe militar de 1964, ocorrendo a formação de uma frente anticomunista composta por diferentes grupos.

José Batista de Carvalho foi entrevistado em julho de 2004 por Márcia Carneiro (2007), na época era presidente da Casa Plínio Salgado. Filho de integralista, participou da AIB na infância e em 1946, aos 17 anos, entrou

para o PRP. Sua militância destaca-se pelo ativismo dedicado a sua ideologia e, em 1952, participou da fundação dos CCJs. Segundo ele, os grêmios dos CCJs faziam estudos da problemática brasileira que incluíam a sociologia e a filosofia, elemento que evidencia a preocupação da cúpula da organização com a preparação dos seus quadros.

Pedro Batista de Carvalho, irmão de José Batista, participou junto com Anésio Lara Campos somente do PRP; este último, figura polêmica pelo seu envolvimento com militantes do nacional-socialismo e com textos revisionistas.

Entre os intelectuais do Sigma mais importantes, Gumercindo Rocha Dórea representou um papel fundamental para a continuidade e reorganização do integralismo após a morte de Plínio Salgado. A Editora GRD, de propriedade de Gumercindo, foi fundada em 1956 e publicou diversos títulos de autores integralistas assim como livros dos principais teóricos do movimento.⁶

Em entrevista concedida à pesquisadora Márcia Carneiro (2007), Gumercindo revelou que em 1952 ajudou a fundar a confederação do CCJ, de onde, em 1953 foi o diretor e primeiro fundador do jornal periódico do Rio de Janeiro *A Marcha*, até o ano de 1955, atividade que desempenhou a convite do próprio Plínio Salgado. Gumercindo também escreveu para o jornal *Idade Nova* de Raimundo Padilha e foi secretário estadual de Estudantes, no Rio de Janeiro, dentro da Secretaria Regional de Arregimentação Estudantil.

Nas eleições presidenciais de 1955, quando Salgado concorreu à presidência, os “águias brancas” organizaram “bandeiras” pelo país; campanhas políticas de divulgação das propostas do PRP, sendo Gumercindo um militante de destaque na campanha presidencial de Plínio Salgado.

Gumercindo Rocha Dórea também fez parte, durante a ditadura militar, da “Comissão Nacional de Moral e Civismo”. O objetivo desta comissão era

6 “As Edições GRD, empresa editorial que juntamente com a Livraria Clássica Brasileira exercia o papel de difusora oficial do movimento integralista, tornou-se mais que uma mera publicadora de livros de cunho direitista. A GRD também manteve uma coleção de política internacional, além de obras sobre ciências humanas. Com mais de trezentos e cinquenta títulos publicados as Edições GRD apostaram em uma estratégia *suigeneris* para publicar e publicizar os textos de seus autores [...]. De acordo com a historiadora Márcia Regina Carneiro, GRD, expandiu suas ideias antimarxistas e autoritárias, pelo interior do Brasil por meio dos pequenos jornais que reproduziam seus artigos originalmente escritos na revista *Convívio*. No interior e nos quartéis, seus artigos tinham seus leitores e admiradores, mesmo após a ditadura. ‘Se havia publicação é porque havia demanda’, afirma GRD.” (Ibid., 2011, p.216).

criar diretrizes para o currículo escolar e livros didáticos. Atuou posteriormente na Fundação Nacional do Material Escolar (Fameme), criada em 1967.

Entre o início da segunda metade do século XX até a extinção dos partidos políticos pela ditadura militar, o PRP atuou como legenda que aglutinou os integralistas, militantes conservadores e nacionalistas não adeptos da ideologia integralista. Diluído no contexto do regime militar, porém, Plínio Salgado e antigos integralistas colaboraram na conjuntura de efetivação do golpe de Estado que inaugurou o período ditatorial militar e continuaram os seus préstimos à nova configuração da ordem nacionalista militarizada, através do partido político criado para apoiar a ditadura, a Aliança Renovadora Nacional (Arena).

O pesquisador Fábio Bertonha (2011) também abordou elementos sobre a relação de apoio dos militantes do Sigma na implantação da ditadura militar através do apoio dos deputados do PRP e das publicações de apoio ao golpe por meio da Editora GRD.⁷

A presença de ex-integralistas e militantes ativos dentro de órgãos do governo ditatorial militar e o apoio dos integralistas liderados por Plínio Salgado, que foi líder do governo na Câmara dos Deputados, proporcionaram condições para que os intelectuais do Sigma continuassem a apologética chauvinista durante o período de estado de exceção. O apoio de Salgado proporcionou também vantagens, como a reedição de seus livros pelo Ministério da Educação:

7 “É fácil identificar a presença dos membros do PRP na formatação do Golpe de 1964. Os deputados do PRP, como Abel Rafael Pinto, Ivan Luz, Osvaldo Zanella, Aníbal Teixeira e o próprio Plínio Salgado fizeram inúmeros discursos contra João Goulart justamente no momento de maior tensão política. Membros do partido também colaboraram em palestras e atos públicos por todo o país na criação de uma atmosfera favorável ao golpe. Outras atividades incluíram a publicação, por parte da editora GRB (de propriedade de Gumercindo Rocha Dória, militante do PRP), de obras como UNE – Instrumento de Subversão, de Sonia Seganfredo, e um sem número de livros anticomunistas. O famoso sistema Ipes/Ibad, por isso mesmo, financiou boa parte destas atividades nestes anos iniciais da década de 1960, incluindo o pagamento das campanhas de seus deputados federais e as publicações acima mencionadas. Na mesma direção do Ipes/Ibad, aliás, estavam ex-integralistas como Ivan Hasslocher, o marechal Marcio de Freitas Rolim, Antonio Galotti, Adib Casseb, Miguel Reale e muitos outros. [...] Várias das ‘Marcha(s) da Família, por Deus e pela Pátria’ tiveram a participação do PRP, como em Minas Gerais, e Plínio Salgado foi especialmente atuante na de São Paulo. Efetivamente em 19/03/1964, ele enviou uma mensagem pessoal às mulheres paulistas, apoiando a sua realização, parece ter colaborado na elaboração de seu manifesto e foi um dos seus principais oradores [...]” (Bertonha, 2011, p.432-3).

Efetivamente Raimundo Padilha chegou a ser líder do governo no Congresso e governador da Guanabara; Alfredo Buzaid e Ibrahim Abi Ackel foram ministros da Justiça; João Paulo Reis Velloso do Planejamento e Euro Brandão da Educação e Cultura. Os ex-integralistas também controlaram, segundo algumas fontes, muitas posições menores em vários ministérios, como a Comissão de Moral e Cívica do MEC e a Superintendência de Desenvolvimento do SUL (Sudesul), com sua máquina burocrática. O próprio Plínio Salgado se encaixou sem problemas na nova ordem. Ele foi líder do governo na Câmara dos Deputados e teve papel de destaque na aprovação de várias leis enviadas pelos militares ao Legislativo. [...] Como recompensa por sua fidelidade, Plínio conseguiu algumas nomeações e favores para amigos, e alguns de seus livros foram reeditados com o apoio do Ministério da Educação [...]. (Bertonha, 2011, p.439)

A partir de 1975, com o falecimento de Plínio Salgado, seus seguidores rapidamente começaram a articular novas possibilidades para a continuidade da militância. As primeiras iniciativas de reorganização ocorreram com a iniciativa da formação de associações civis e o lançamento de publicações sobre o integralismo pouco tempo depois do falecimento de Salgado.

As pesquisas de Gilberto Calil (2001; 2005) e Odilon Caldeira Neto (2010) apontaram a existência de algumas iniciativas para a reorganização do integralismo, já no final da década de 1970. Fundamentando-se em pesquisas acadêmicas e dados da imprensa, os autores apontaram um panorama de organizações e publicações criadas com o objetivo de reorganizar o integralismo, como: o jornal *Renovação Nacional*, fundado em 1978 pelo integralista Jader Medeiros, a organização Appolo Sport Clube, a Cruzada de Renovação Nacional, a tentativa de refundação da Associação Brasileira de Cultura, em 1979, inspirada na efêmera tentativa de reorganização dos integralistas após o golpe do Estado Novo, o Movimento Popular de Apoio à Fundação Plínio Salgado (MPAPS), fundado em 1979 no estado do Maranhão, e a Associação Cívico-Cultural Minuano, fundada em 1957, localizada então na antiga sede do PRP de Porto Alegre (Caldeira Neto, 2010, p.74-6).

Márcia R. Carneiro (2007, p.148-9), em sua tese sobre as memórias dos militantes integralistas, apontou as diferentes estratégias dos herdeiros da ideologia do Sigma para a continuidade de seus ideais chauvinistas. E destacou a identificação de classe social da atual militância como pertencente, em sua maioria, à classe média e que os novos quadros de militantes do Sigma

utilizam na contemporaneidade, com grande ênfase, as tecnologias de comunicação e informação na contemporaneidade como estratégia política de difusão ideológica e organização.

Nas últimas três décadas do século XX iniciaram-se as primeiras ações para a continuidade da manutenção e difusão da ideologia integralista, através de diferentes gerações de militantes. Este processo de reorganização recebeu grande impulso especificamente nas duas últimas décadas, como será apontado. Pois mesmo não estando mais articulados em um único partido político, os militantes em questão ainda objetivam a mobilização de simpatizantes, a continuidade de sua propaganda política, assim como a obtenção de novos membros em seus quadros.

5.1. A reorganização dos intelectuais do Sigma a partir de 1980: a identificação dos principais intelectuais e aparelhos integralistas

As conseqüências do processo de reestruturação produtiva do capital na segunda metade do século XX causaram crises financeiras e desemprego em muitos Estados nacionais e potencializaram a continuidade da proliferação de ideologias nacionalistas como manifestação de oposição às mudanças ocorridas nas últimas quatro décadas.

As políticas liberais conservadoras de Thatcher e Reagan foram imulsionadoras de condições para a continuidade de articulações e alianças entre diferentes matizes da direita. A conjuntura internacional influenciada pela administração conservadora nas últimas décadas possibilitou estímulos para a conquista de espaços na sociedade para grupos com solidariedade ideológica nacionalista e anticomunista no clima do final da Guerra Fria (Vizentini, 2000).

No Brasil, sob a influência do contexto de conservadorismo internacional, como apontado, foi fundada em 1981 a Casa Plínio Salgado, por Pedro Baptista de Carvalho na cidade São Paulo, com a proposta de formar grupos de estudo e discussões sobre o movimento e organizar um acervo importante das obras do integralismo.

A pesquisa de Caldeira Neto (2010) também evidenciou o papel da Casa Plínio Salgado e o êxito na militância dos irmãos José e Pedro Batista em fundar aquele aparelho privado de hegemonia que é, desde 1981, um importante

espaço de aglutinação de militantes até então dispersos e que inicialmente, através do ativismo dos irmãos Batista, em conjunto com o apoio prestado por ex-águias brancas e militantes do PRP, e agora com a atuação do sobrinho Lucas Batista, continuam a agremiar novos pares nas atividades que realizam até hoje na cidade São Paulo:

De acordo com os fundadores, em entrevista concedida a Márcia Carneiro, a Casa Plínio Salgado foi idealizada e constituída por eles com o auxílio de alguns ex-participantes dos CCJs, contando com apoio de Rui Arruda Camargo (antigo membro da AIB) e da viúva de Plínio Salgado, d. Carmela Salgado. Situada no centro da cidade de São Paulo, a Casa Plínio Salgado foi desde o início destinada a ser um meio para a guarda da memória militante do integralismo. Entretanto, este aspecto exclusivamente voltado à conservação da memória do integralismo gradativamente dividiu espaço com as tentativas de retomada institucional dos camisas verdes, inclusive no espaço físico da Casa Plínio Salgado, tendo em vista que o local foi utilizado diversas vezes para a realização de reuniões que acabariam por gerar os primeiros grupos neointegralistas voltados à atuação no âmbito político e institucional, tal qual a “recriação” da Ação Integralista Brasileira. (Caldeira Neto, 2010, p.77)

A pesquisa de Carneiro (2007), através de dados obtidos com entrevistas com os militantes José e Pedro Batista, corroborou com a identificação do papel da Casa Plínio Salgado no trabalho de manutenção das ações integralistas a partir da década de 1980.⁸ Em seu estudo pioneiro sobre o tema, em profundidade de análise, a referida autora demonstrou que os desdobramentos da militância integralista, no período da reabertura política da década de

8 O site da Casa Plínio Salgado divulgou o seu calendário das atividades de 2006, dados que evidenciam exemplos da mobilização ocorrida no aparelho integralista. “Eventos anteriores: Palestra: Imperialismo e democracia Professor José B. Carvalho 07/03/2006, 19:00:00; Palestra: A destruição do Homem Companheiro Geraldo 14/03/2006, 19:00:00; Palestra: O maior dos Comunistas Companheiro Victor E V Barbuy 21/03/2006, 19:00:00; Palestra: A revolução da família Companheiro Paulo Fernando Costa 28/03/2006, 19:00:00; Palestra: 11 de Maio de 38 Professor J.B. de Carvalho 09/05/2006, 19:00:00; Palestra: ‘Plantando dá’ Lucas P. de Carvalho 16/05/2006, 19:00:00; Palestra: O fator geológico Pedro B. de Carvalho 23/05/2006, 19:00:00; Palestra: Nacionalismo Económico + A moeda Marcelo B. Silveira 30/05/2006, 19:00:00; Palestra: O mundo que prepara a catástrofe. Victor E. V. Barbuy 6/6/2006, 19:00.” Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=70&vis=>>>. Acesso em: 27/5/2011.

1980, contaram na região sudeste com outras iniciativas de estabelecimentos de aparelhos privados de hegemonia para a manutenção dos pressupostos ideológicos deixados por Plínio Salgado.

Duas organizações foram destacadas por Márcia Carneiro (2007, p.149), a Ação Nacionalista Brasileira, fundada em 1883, e a segunda, a tentativa efêmera de refundação através do registro de uma nova Ação Integralista Brasileira, pelo militante Anésio Lara, em São Paulo, em 1985.

A análise sobre a atuação e a rearticulação dos integralistas após a morte de seu líder teve como marco a década de 1980, segundo as informações apresentadas na pesquisa de Caldeira Neto (2011). Os dados analisados corroboraram com a interpretação de Carneiro (2007), nos quais o intelectual do Sigma Anésio Lara Campos e os fundadores da Casa Plínio Salgado foram destacados como ativistas importantes dentro do contexto das primeiras tentativas de reorganização do integralismo com o fim da ditadura militar (Caldeira Neto, 2010, p.78).

As informações sobre a rede de solidariedade ideológica proporcionaram condições para o entendimento das iniciativas organizativas de Anésio Lara Campos, que fundou a Ação Nacionalista Brasileira e, dois anos depois, em 1985 registrou também em seu nome a Ação Integralista Brasileira, buscando articular uma rede de relações com outras organizações chauvinistas:

Após o fracasso da Ação Nacionalista Brasileira, no ano de 1985, Anésio de Lara Campos Júnior formaliza a tentativa de retomada da Ação Integralista Brasileira, registrando a nova AIB em seu nome. No contexto de redemocratização da política brasileira, Anésio Lara busca articular a nova AIB em conjunto com alguns agrupamentos da extrema direita então existentes no Brasil. Uma destas organizações que mantiveram relações com a AIB de 1985 foi o Partido de Ação Nacionalista (PAN) que, de acordo com René Dreifuss, tinha como presidente Rômulo Augusto Romero Fontes e Antônio Carlos Meirelles no cargo de secretário geral. (Caldeira Neto, 2010, p.78)

Anésio Lara Campos Junior foi um militante de destaque não só por suas iniciativas de reorganização do movimento, mas também por sua ambição de ser o novo presidente nacional do integralismo e por suas relações com segmentos chauvinistas não apoiados hegemonicamente pelos integralistas, como os nacional-socialistas.

Os conflitos entre Anésio e militantes, inclusive com a própria família de Salgado, que não concordou com o domínio do registro da sigla por Anésio Lara Campos nem com sua posição de busca de controle da organização, proporcionaram empecilhos para as tentativas de reorganização de um movimento nacional e de um partido integralista sob a liderança do referido intelectual do Sigma.⁹

A realização do referido Congresso integralista de 1989 na cidade de Niterói (RJ) foi uma expressão das tentativas de reorganização de uma entidade registrada e atuante em nível nacional, assim como um reflexo dos conflitos entre os herdeiros do Sigma. Entretanto, essas contradições não foram empecilhos para os integralistas que na década seguinte continuaram a arquitetar possibilidades para sua militância, encontrando êxito nas articulações com seus pares e com outras organizações chauvinistas no país.

O Rio de Janeiro destacou-se como um dos estados onde os militantes integralistas foram muito atuantes. Antiga capital da República e um dos centros intelectuais do país, a região foi o cenário de destaque de organizações políticas e intelectuais de correntes diversas.

Na conjuntura contemporânea, o Rio de Janeiro continua a ser um dos estados onde os integralistas têm expressiva organização e onde estão algumas das principais lideranças e organizações do Sigma que lá desenvolveram ações e manifestações para a continuidade da difusão da sua ideologia.

9 “Durante o decorrer da década de 1980 os conflitos entre os ‘herdeiros’ da doutrina se acentuam. De um lado, liderados pela viúva do “Chefe”, estavam aqueles que não concordavam com o que consideravam “usurpação” da legenda da AIB por Anésio. De outro o então presidente da AIB, que com a posse do registro da AIB, se recusava a abrir mão de sua presidência. O ano de 1988 teria sido o mais importante da década em termos de tentativas de reorganização do movimento com vistas a conter o que se considerava o uso indevido da sigla da Ação Integralista Brasileira. A situação chegou num ponto de convocação para um Congresso em 1989, em Niterói, o qual deveria decidir a nova orientação para o integralismo, incluindo a eleição da presidência. Este processo teve a participação direta da família de Salgado, ex-militantes da década de 1930 que não teriam tido grande projeção nacional, além de “águias brancas” fiéis a ideia doutrinária. No Congresso realizado no Sindicato dos Jornalistas no antigo Estado do Rio, decidiu-se através de eleição que o novo presidente da AIB seria o médico Sebastião Cavalcante de Almeida, que contava com o apoio da Ala Jovem do Rio. Na eleição disputada por Cavalcante e Anésio, o médico fora o vencedor e o advogado se tornava vice-presidente. [...] O aparente equilíbrio entre os grupos integralistas de então se rompe quando, ainda em meados de 1989, Sebastião renuncia ao cargo e Anésio volta à presidência. A grande ressalva dos antigos integralistas, apoiados por alguns jovens introduzidos no movimento pelos velhos militantes e até da família, ao nome do Dr. Anésio era a sua ligação publicamente reconhecida com alguns grupos que se autodenominavam nacional-socialistas.” (Carneiro, 2007, p.150-1).

Neste sentido, o militante Arcy Lopes Estrella foi também identificado nesta investigação e aqui interpretado como um dos ativistas mais representativos nas ações para reorganização do integralismo contemporâneo. Sua atuação ocorreu no aparelho denominado Centro Cultural Plínio Salgado (CCPS) em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Arcy Estrella militou como fundador e diretor responsável por mais de vinte anos, na busca de articular condições para a união de antigos e novos militantes.¹⁰ Estas estratégias e contextos puderam ser apreendidos na investigação do boletim *Alerta*, produzido e distribuído pela liderança em questão. O CCPS passou a divulgar o boletim *Alerta* em 1995, lançando o primeiro número em novembro daquele ano. Salvo por algumas exceções, ele foi publicado mensalmente até o ano de 2002.

O Centro Cultural Plínio Salgado foi interpretado nesta pesquisa como um dos aparelhos mais importantes no contexto de busca pela reestruturação do movimento e suas reuniões também agremiavam chauvinistas de outras organizações, como participantes do movimento Carecas do Rio, membros do Partido Nacional Socialista Brasileiro (PNSB) e jovens da organização integralista carioca Juventude Nativista Bandeira do Sigma.

Arcy Estrella, segundo os objetivos expostos em seu boletim *Alerta*, tinha de forma clara a finalidade de organizar e difundir o integralismo e o êxito de suas perspectivas. Isso foi analisado e constatado através dos dados obtidos nas páginas de seu periódico, que evidenciaram uma rede de relações entre o CCPS e intelectuais e organizações nacionalistas. Entre os apoiadores de Estrella, destacou-se a militância de Marcelo Mendes que, a partir da segunda

10 Em e-mail trocado com a pesquisadora da UFF Márcia Carneiro, a mesma descreveu o local da sede do CCPS, visitado várias vezes no momento de seu trabalho de campo. Algumas informações são aqui reproduzidas por proporcionarem condições para reconstruir o ambiente das ações de reorganização da militância na década de 1990: “[...] No centro cultural funcionou uma escola de judô, uma escolhinha (jardim da infância), davam aulas de reforço escolar etc. Ele disponibilizava o espaço para a comunidade. Ali, ele [Arcy Estrella] também advogava. Este espaço para a comunidade ficava na parte de baixo. Na de cima, ficava a sua casa. Na parte de baixo, o escritório. Para se entrar no escritório, a gente passava por uma sala onde tinha um balcão onde ele deixava as fichas de filiação ao movimento. Numa outra sala, ligada à primeira, com porta para uma outra salinha onde ficava a biblioteca (umas estantes com livros) – ao lado desta a sala de reuniões – com a parede pintada com ‘Deus, Pátria e Família’ e as bandeiras do Sigma e a nacional ladeando o retrato do Plínio. A sala de reuniões servia para as atividades da vizinhança também. Eu acho legal o trabalho de campo por isto, podemos ter uma verdadeira dimensão da participação e do engajamento ao movimento [...]. Marcia.” (Correspondência por e-mails entre Márcia Carneiro e Jefferson R. Barbosa, 8/4/2011).

metade da década de 1990, colaborou com o CCPS e fundou o Centro de Estudos e Debates Integralistas.¹¹

O Centro de Estudos e Debates Integralistas (Cedi) foi fundado em 2001 e seu informativo, publicado no mesmo ano, tinha como editor responsável Marcelo Mendez; como redator chefe, Flávio Silva; e como jornalista responsável, Arcy Estrella. E seu primeiro número foi publicado em outubro de 1999. Foram identificadas vinte e sete edições do informativo que a partir de seu vigésimo sexto número, com o falecimento de Estrella teve como jornalista responsável o militante Di Martino.

O boletim do Cedi foi uma fonte importante para a compreensão da efêmera mas intensa atuação de Marcelo Mendez e sua contribuição para a continuidade do integralismo.

A militância de Marcelo Mendez, como apontado, recebeu grande apoio de Arcy Estrella e foi no boletim do CCPS que difundiu as primeiras manifestações do propósito da organização do Cedi, evidenciadas na edição de janeiro de 2001 do boletim *Alerta*, no qual podem ser compreendidos os objetivos do Centro de Estudos e Debates Integralistas.

Em perspectiva gramsciana, o Cedi foi um aparelho privado de hegemonia para congregar intelectuais chauvinistas e difundir a ideologia do Sigma.

11 Segundo Carneiro (2007, p.277-8): “Uma das pessoas que conheci no Centro Cultural Plínio Salgado [...] foi Marcelo Mendez. Era o ano de 1988 e Marcelo, na ocasião estava bem animado com a reorganização do integralismo. O via sempre de camisa verde e, por muitas vezes, ele me telefonava para me contar os rumos do movimento. Por muito tempo me enviou semanalmente os jornais que publicava com apoio do Dr. Arcy, o *Informativo CEDI*. Marcelo foi juntamente com o velho integralista, o fundador do CEDI, o Centro de Estudos e Debates Integralistas. Os dois registraram o movimento e organizaram a cerimônia de fundação. O celebrante foi o Padre Crispim, afilhado de Salgado. Presentes estavam antigos e novos integralistas, Dr. Arcy e esposa, um senhor que integrara a “Guarda de Ferro” de C.Z. Codreanu na Romênia, algumas pessoas ligadas ao Círculo Monárquico. Estavam presentes também, membros do movimento MV-Brasil. Marcelo procurava integrar esses movimentos no CEDI. Também mantinha contatos com membros da TFP, de quem não conseguiu grande atenção. [...] Marcelo exerceu a presidência do CEDI desde sua fundação em 2000 até 7 de setembro de 2001, [...] quando passou o cargo a Humberto Bueno. Estava passando por crise emocional, segundo ele mesmo e seus companheiros, devido a perseguições de pessoas do próprio movimento. Marcelo não conseguiu superar as pressões e suicidou-se aos pés do Mausoléu Integralista em fevereiro de 2002 [...] deixou um ‘testamento político’ em que acusa seus inimigos no movimento, entre eles, os “Carecas” que, segundo ele, se infiltraram no movimento [...] Embora morto precocemente e com pouco tempo de organização do integralismo, Marcelo Mendez se tornou referência. Fundador do CEDI com a preocupação de agrupar movimentos conservadores, Marcelo representou um impulso na expansão do integralismo via internet.”

No referido artigo de janeiro de 2001, foi lançado o documento sobre as propostas do Cedi.¹²

O informativo Cedi lançou em setembro de 1999 um artigo referente ao seu primeiro ano de atividades. O texto também corroborou com a interpretação aqui defendida sobre o papel central das novas tecnologias da informação e comunicação na mobilização da atual militância integralista. Ressalta-se ainda o papel de Marcelo Mendez enquanto pioneiro na utilização da internet como ferramenta de militância integralista e a sua dedicação em relação à estratégia de articular variados grupos chauvinistas sob a influência do CCPS e do Cedi.

As relações entre os integralistas e os membros da organização fundamentalista cristã Tradição Família e Propriedade (TFP), fundada por Plínio Correia de Oliveira, nunca foram de apoio explicitamente oficial, mas as aproximações ideológicas entre o integralismo e a TFP podem ser evidenciadas no lema de ambos os movimentos: “Deus, Pátria e Família”. Na década de 1990, Marcelo Mendez buscou aproximar as organizações:

C.E.D.I. – Um ano de existência! No dia 1 de setembro de 1999, estreou na internet o site do Centro de Estudos e Debates Integralistas; foi fundado pelo

12 “Centros Culturais Nacionalistas. I. Objetivos e Atividades Normais Criado em 1/9/99 o Centro de Estudos e Debates Integralistas tem por finalidade básica o estudo, e esclarecimento da Doutrina Integralista para todos os brasileiros, com o objetivo de resgatar as injustiças feitas desde a decretação do Estado Novo (1937/45) [...] aos integralistas e ao seu Chefe [...] o CEDI conforme está escrito em seus Estatutos Sociais terá objetivos: 1 – Desenvolver estudos e pesquisas sobre a Ação Integralista Brasileira AIB; fundada em 1932; 2 – Ajudar aos estudiosos e pesquisadores interessados em resgatar o integralismo colocando o acervo do CEDI ao alcance deles; 3 – Preservar a cultura e as tradições nacionais; 4 – Realizar reuniões doutrinárias e periódicas entre seus membros; 5 – Conectar e manter intercâmbio cultural com as demais organizações congêneres do país que aspirem os mesmos princípios patrióticos enriquecendo o patrimônio da nossa organização com o material de propaganda dos demais movimentos nacionalistas; 6 – Promover encontros e palestras entre seus membros e simpatizantes que visem a difusão e objetivos da Entidade; 7 – Publicar jornais periódicos (de cunho integralista), destinados aos seus membros e simpatizantes; 8 – Criar e manter a biblioteca e videoteca que serão destinados aos seus membros; 9 – Filiar todo aquele que estiver afinado com os propósitos doutrinários da organização; 10 – Comemorar o dia 22 de janeiro a data natalícia de Plínio Salgado e de 7 de dezembro, a de seu falecimento; 11 – Divulgar e promover estudos sobre a obra de Plínio Salgado e o culto de memória. Esperamos contar com a sua ajuda e de todos os bons brasileiros e amigos do Brasil. Anauê! Diretoria Executiva do CEDI Marcelo Mendez” (Mendez, “Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI) em processo de registro”. *Alerta*, n.54, jan. 2001, p.2).

companheiro Marcelo Mendez, integralista, carioca, sócio da Casa Plínio Salgado, sócio do Centro Cultural Plínio Salgado, sócio do Centro de Estudos Históricos e Políticos, sócio-correspondente da Sociedade Brasileira da Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), membro do Movimento Pró-Monarquia, sócio do Círculo Monárquico do Rio de Janeiro e membro do Apostolado da Oração, da Igreja Católica. A ideia central que norteou a fundação do Cedi foi atingir quase que exclusivamente na internet, tentando esclarecer aos internautas curiosos sobre o Integralismo, atendendo aos pesquisadores de vários pontos do país que normalmente estão escrevendo livros ou fazendo teses de mestrado sobre a doutrina do Sigma, ou ainda fazendo proselitismo com companheiros de ideal integralista em outras Províncias da Nação Brasileira.¹³

O CCPS e o Cedi obtiveram êxito na consolidação de alianças com organizações de diversas partes do país e, para este vínculo entre os aparelhos chauvinistas ser estabelecido, a filiação em diversas organizações por um mesmo militante apresentou-se como um caminho próspero. Marcelo Mendez foi um exemplo do ativista que buscou construir este intercâmbio entre as associações em questão

O marco oficial do início do Cedi foi a realização de uma missa no dia 16 de junho de 2001, celebrada por Padre Crispim – afilhado de Plínio Salgado e um constante defensor da causa integralista, assim como da memória de seu padrinho. Na celebração da missa, entre os participantes havia integrantes do Círculo Monárquico e do Movimento MV-Brasil e, durante a celebração, houve a entronização de Nossa Senhora de Fátima, padroeira da TFP, tomada também como padroeira do Cedi, o que explicita a busca pela formação de uma rede de colaboração entre as organizações. (Caldeira Neto, 2011, p.97)

Na edição de fevereiro de 2001, o *Informativo Cedi* publicou um artigo de primeira página sobre o encontro de Marcelo Mendez com o príncipe d. Antônio de Orleans intitulado: “Presidente do Cedi se encontra com o príncipe D. Antônio de Orleans e Bragança, descendente de D. Pedro II”.

13 “C.E.D.I. – Um ano de existência!” *Informativo CEDI*, ano II, n.12. set. 2000, p.1.

No dia 11 de janeiro de 2001, o presidente do Cedi teve a grata satisfação de se encontrar e travar contato com sua alteza Imperial e Real, príncipe d. Antônio de Orleans e Bragança, que vem a ser o segundo da linha sucessória da Coroa Imperial Brasileira, na eventualidade de um ressurgimento monárquico no Brasil. Sua alteza veio presidir a missa de sétimo dia de uma grande amiga sua *d. Sônia Maria Crispim*, que falecida recentemente, descobriu-se que ela vinha a ser prima do padre integralista Afonso Crispim, motivo pelo qual a Santa Missa foi realizada na Paróquia de Santo André, no RJ, participaram o prof. Oto de Alencar Sá Pereira, o secretário do Círculo, Bruno Cerqueira, a senhora Maria da Glória N. Souza, além do sr. Marcelo Mendez, já citado. Ao término da missa, desenvolveu-se uma roda de conversas em torno de sua alteza, que com satisfação foi informado do ardor monárquico do senhor padre e de sua família, desde tempos idos.¹⁴

Na mesma edição, foi apresentado o anúncio do lançamento do “Manifesto Integralista 2001”.¹⁵

O lançamento do “Manifesto Integralista de 2001” foi uma evidência importante da busca de rearticulação em nível nacional dos militantes em questão e seu conteúdo apresenta a defesa do Estado Integral e da proposta de organização corporativa denominada “Democracia Orgânica”.

Em artigo crítico sobre a questão dos skinheads, os dirigentes do Cedi, manifestaram sua opinião sobre o tema no texto intitulado “É dos carecas que gostamos menos!”. Este artigo repercutiu em polêmica, o Cedi recebeu críticas através de carta enviada por uma organização skinhead, publicada no boletim *Alerta*, como será apontado no próximo capítulo.¹⁶

14 “Presidente do Cedi se encontra com o príncipe D. Antônio de Orleans e Bragança, descendente de D. Pedro II”, *Informativo CEDI*, ano II, n.17, fev. 2001, p.1.

15 “Lançado o ‘Manifesto Integralista de 2001’”. *Informativo CEDI*, ano II, n.17, fev. 2001, p.1-2.

16 “Se na década de 1930, nos saudosos tempos da gloriosa Ação Integralista Brasileira, os comunistas, os liberais e outros retrógrados já acusavam o Integralismo de nazi-fascista, e, se após o ditador Getúlio Vargas tornar ilegal a mesma AIB, foi o Integralismo ‘oficialmente’ taxado de nazi-fascista até os dias atuais, deveríamos ter um pouco mais de cautela e não aceitar certos ‘elementos’, certos tipos ‘suspeitos’ em nosso meio. Refiro-me aos atuais ‘carecas’, ‘skinheads’ e ‘White-power’, pois eles sim são nazistas e racistas! Tais energúmenos estão mais próximos dos grupos como o tal ‘Orgulho Paulista’, pois são contra negros, mulatos e nordestinos. Isso não é nem nunca foi integralismo! Lembramos sempre que companheiros de pele negra e de pele mulata enchiam as fileiras dos camisas verdes! O grande Gustavo Barroso era nordestino, natural do Ceará! Chega a ser ridículo ter que lembrar isso! Que estes imbecis não frequentam nenhuma reunião integralista. Que sejam proibidos de entrar. Se dentro, convidados a sair. Já bastam as calúnias de costume por culpa deles! Aceitar tais companhias é trair nossa própria

As relações entre os herdeiros do Sigma e outros partidos nacionalistas também ocorreram, sendo o Partido da Reedificação da Ordem Nacional (Prona) uma organização de apoio explícito dos integralistas. A relação entre ambos pode ser evidenciada no artigo “Presidente do Cedi assiste à palestra do Dr. Enéas Carneiro, presidente do Prona”:

No último dia 26 de junho, uma segunda-feira, o companheiro Marcelo Mendez, acompanhado do companheiro Murilo César Luis Alves, tiveram a grata satisfação de escutar uma palestra proferida pelo presidente do Prona, dr. Enéas Ferreira Carneiro, que tratou sobre a privatização-doação da Vale do Rio Doce, feita pelo governo entreguista de FHC. A palestra foi realizada no auditório da Associação dos Diplomados pela Escola Superior de Guerra, seção da ADESG-RJ, que teve a presidência dos trabalhos feita pelo grande nacionalista e patriota prof. Marcos Coimbra, que teve também a iniciativa de convidar o presidente do Cedi, com quem tem travado profícuos e fecundos contatos por e-mails, trocando impressões sobre o nacionalismo ou a falta dele, na nossa nação. A palestra também contou com a participação do ex-deputado federal Ricardo Maranhão, que também fez uma excedente explanação. Cabe registrar que o senador Roberto Saturnino Braga foi convidado para o evento, mas por motivos de trabalhos no Congresso não pôde comparecer. Ao término da palestra, o presidente do Cedi conversou com dr. Enéas, marcando com ele uma entrevista para breve.¹⁷

As ações dos integralistas contemporâneos foram sendo propaladas pelas suas estratégias de propaganda e as ações de rearticulação ganharam até destaque em alguns jornais brasileiros de grande circulação. Esses elementos foram constatados em análise de matéria do *Jornal do Brasil*, que publicou um artigo em outubro de 2001 tratando da reorganização das atividades dos militantes do Sigma:

causa! Que esses elementos voltem para o buraco de onde saíram, ou mudem-se para a Europa, onde acharão os seus iguais: os neonazistas. Nós, integralistas, liderados pelo companheiro Marcelo Mendez repudiamos tal promiscuidade em nossa pura doutrina! [...] Integralistas! Fiquem atentos à essa lepra ambulante que nos ameaça: os Carecas! Pelo Bem do Brasil! Anauê! Luiz Henrique Dias (Representante do CEDI em Matão/SP).” (Dias, Luiz Henrique. “É dos carecas que gostamos menos!”, *Informativo CEDI*, ano II, n.17, fev. 2001, p.3).

17 “Presidente do CEDI assiste palestra do Dr. Enéas Carneiro, presidente do Prona”, *Informativo CEDI*, ano II, n.12, set. 2000, p.3.

O movimento nacionalista criado por Plínio Salgado nos anos 30 está ganhando novos adeptos, em pleno século 21. No último dia 5, os camisa verdes da velha guarda integralista se uniram à nova geração de jovens simpatizantes, num encontro no Rio para celebrar os 69 anos da fundação da Ação Integralista (AIB). Aos 35 anos, formado em administração, Marcelo Santos Mendez, que é solteiro e caixa de um restaurante da orla de Copacabana, foi quem organizou o encontro. Mendez, que tem um Sigma – símbolo semelhante à suástica nazista tatuado no corpo –, é porta-voz do integralismo no Rio, doutrina que nos anos 30 se inspirava no fascismo italiano e encontrava eco nos setores mais conservadores da sociedade, como a hierarquia militar – na Marinha em particular – e no alto Clero. [...] Mendez reconhece que a confusão entre a nova geração de integralistas e os movimentos neo-nazistas – ou skinheads, no exterior – é inevitável, mas nega sua influência na filosofia integralista. (Absalão, 2001)

O artigo também foi interessante, pois evidenciou como Marcelo Mendez sentia-se contrariado com a aproximação de skinheads nas atividades do Centro de Estudos e Debates Integralistas e do Centro Cultural Plínio Salgado. O líder do Cedi negou ao referido jornal a participação de skinheads na organização integralista liderada por ele, mas admitiu que outros grupos integralistas aceitavam os denominados “carecas” em seus quadros.

Na entrevista do *Jornal do Brasil* também foi noticiado que o Cedi, segundo Marcelo, já possuía representação em nove cidades.

A reportagem inclusive forneceu importantes informações sobre a reorganização integralista naquele período, apresentando também dados sobre os conflitos existentes entre as antigas e as novas lideranças, como por exemplo, o ponto de vista de militantes da velha guarda integralista que discordaram das pretensões políticas de Marcelo Mendez e opunham-se ao retorno do partido integralista, como afirmou o militante Arnóbio Bezerra. Através do *Jornal do Brasil*, na referida reportagem, ficou ainda evidenciada a aproximação entre militantes do integralismo e do Partido da Reedificação da Ordem Nacional (Prona).

O jornal paulista *O Estado de S. Paulo*, de 8 de outubro de 2001, também publicou artigo em que destacava a atuação dos integralistas na busca de condições para reorganizar o seu movimento, sendo a internet uma ferramenta estratégica para o objetivo proposto. O artigo foi publicado com o título: “Ação Integralista ainda vive com ajuda da internet”:

Rio – Movimento nacionalista fundado em 1932, por Plínio Salgado, sob influência do nazi-fascismo europeu, o integralismo sobrevive. Na sexta-feira à noite, em um prédio obscuro na Tijuca, na zona norte do Rio, cerca de 30 pessoas se reuniram para comemorar os 69 anos de criação da Ação Integralista Brasileira, hoje convertida no Movimento Integralista. O figurino, com poucas modificações, permanece, saído diretamente dos anos 30. As botas, os quepes e o Sigma (que está para o integralismo como a suástica para o nazismo) atado ao braço deixaram de existir, mas a camisa verde está lá. O Sigma, agora mais discreto, aparece em prendedores de gravatas, pretas, como as calças e os sapatos. Só falta a saudação anauê, que costumavam fazer com o braço direito esticado. Engana-se, porém, quem pensa que a antiga doutrina atrai só saudosistas e remanescentes do auge do integralismo, época em que os “camisas verdes” chegaram a ser 1 milhão. Ao lado das cabeças brancas, jovens simpatizantes afirmam os valores da doutrina. Adequados, ao seu modo, aos novos tempos, os integralistas veem na Internet o grande instrumento para a divulgação de suas ideias. “Em dois anos no ar, nossa página já recebeu 8.600 acessos”, relata Marcelo Mendez, de 36 anos, que é também monarquista e pertence à organização Tradição, Família e Propriedade (TFP). Mendez se refere ao site do Centro de Estudos e Debates Integralistas (Cedi), do qual é fundador. Vestido a caráter, é ele quem faz o papel de mestre de cerimônias na reunião, apresentando palestras e anunciando as músicas que serão ouvidas. Todas as solenidades do Cedi são abertas com a execução do Hino Nacional, seguido pelo hino dos integralistas e pelo hino de Nossa Senhora de Fátima, a padroeira. (Moraes, 2001)

A internet como estratégia de atuação política foi rapidamente absorvida pela militância integralista brasileira e as novas determinações possibilitadas pela tecnologia representaram uma atualização dos métodos de organização e mobilização dos militantes integralistas que se adaptaram rapidamente às novas ferramentas disponibilizadas pelas tecnologias de informação e comunicação.

Segundo a investigação de Caldeira Neto (2011) os resultados de sua pesquisa também corroboraram com a interpretação aqui defendida sobre o papel da internet nas novas formas de socialização e mobilização política entre os atuais militantes:

Ainda no ano de 1999, o Cedi estabeleceu um marco nas estratégias de divulgação e disseminação, estratégia esta que posteriormente seria maciçamente utilizada por outros grupos neointegralistas: a inauguração de seu *website*, no dia 1º de setembro daquele ano. A iniciativa de construir um *site* para o integralismo veio como forma de diminuir um grande problema: a falta de espaços – e meios – de divulgação do integralismo (à maneira militante, evidentemente), pois além da questão da dificuldade de aceitação da população de uma ideologia autoritária aos moldes do integralismo, os neointegralistas tinham poucas verbas para poder financiar a consolidação de estratégias de disseminação. Os custos elevados eram sem dúvida um entrave nesta questão, fosse para financiar uma imprensa própria ou mesmo para “alugar” espaço em diversos setores de mídia existente. (Caldeira Neto, 2011, p.98)

Os meios eletrônicos de comunicação através dos primeiros sites não proporcionaram, entretanto, o abandono dos canais impressos de informação e, em conjunto com os sites, tornaram-se os principais meios de divulgação, formação e obtenção de novos integrantes:

No entanto, a falta de unidade preponderante no neointegralismo não significava a ausência de materiais escritos. Ao contrário disto, a continuidade da existência de boletins e jornais, assim como o surgimento de novos materiais do tipo, garantia a existência da ideia [de] que ainda havia integralistas dispostos a atuar e divulgar os ideais do movimento. O Cedi, por exemplo, tinha um boletim (*Informativo Cedi*), editado por Arcy Lopes Estrella. De acordo com Márcia Carneiro, Arcy Estrella era um dos maiores – senão o maior – responsável pelas publicações neointegralistas durante a década de 1990. Além do boletim do CEDI, Estrella editava os jornais *Alerta*, o *Idade Nova*, o *Avante*, o *Quarta Humanidade* e o *Ofensiva*, fato este que auxiliava em consolidar ainda mais a figura de Estrella como uma das lideranças dos integralistas e também uma “ponte” entre novos e velhos militantes. [...] Desta maneira, a inserção do integralismo na internet tornara-se bastante atrativa. A presença do *site* do Cedi (que, na época, constava no endereço <<http://www.integralismo.org/>>) na internet determinava este como *autêntico* porta-voz do integralismo na rede. Possibilitava, desta maneira, o contato e troca de informações entre militantes das mais distantes localidades [...]. (Caldeira Neto, 2011, p.99)

O Centro de Estudos e Debates Integralistas e o Centro Cultural Plínio Salgado obtiveram êxito em se articular com organizações políticas chauvinistas representadas por aparelhos de diferentes regiões do país, através do contato iniciado com grupos simpáticos ao integralismo na década de 1980 e 1990, como o Centro de Estudos Históricos e Políticos (CEHP), fundado em Santos (SP), em 1998. As referências sobre o CEHP foram constatadas nas informações obtidas nos boletins, jornais e sites, que serão analisados no próximo capítulo.

Uma evidência do esforço destes aparelhos em articularem-se pode ser analisada através do exemplo da propaganda do denominado “Primeiro Encontro Nacionalista de Santos, SP” publicada no boletim *Alerta* do CCPS. O evento reuniu em janeiro de 2000 organizações como a Casa Plínio Salgado e a Ação Nacional, de São Paulo, capital; Centro Cultural Plínio Salgado, Centro de Estudos e Debates Integralistas, do Rio de Janeiro; Centro Cívico Cultural Auriverde, de Niterói; Centro de Estudos Políticos, Teológicos e Culturais, de Brasília; Centro de Estudos Ludovico Teixeira.¹⁸

O CEHP organizou um ano depois mais um encontro de organizações nacionalistas, denominado “Congresso Unionista” realizado na cidade de Santos (SP). Este evento resultou na proposta de uma frente organizada de ação política de grupos nacionalistas, a Frente Pátria Unida (FPU):

É somente nos últimos anos da década de 1990 que começam a surgir iniciativas que buscavam dar sobrevida ao movimento, muitas destas organizadas por novos militantes. Uma destas iniciativas foi o Centro de Estudos Históricos e Políticos (CEHP) que, de acordo com Rogério Lustosa Victor, fora um “núcleo nacionalista” fundado em 1998 na cidade de Santos (SP). As atividades iniciais do grupo se resumiam a reuniões de leituras de textos de Plínio Salgado e Gustavo Barroso. Após certo tempo, o grupo ampliou a atuação para outras localidades: São Paulo, Ribeirão Preto (SP), Rio de Janeiro e Goiânia. Após esta ampliação de atuação, o grupo realizou um congresso intitulado “I Congresso Unionista”, realizado em 2001 na cidade de Santos, no qual participaram militantes de diversos grupos nacionalistas (cerca de 60 participantes, de sete estados brasileiros). Um dos resultados do evento fora a determinação da criação de uma organização de ação política: a Frente Pátria Unida (FPU). A FPU estaria destinada, portanto,

18 “Primeiro Encontro Nacionalista de Santos, S.P.”, *Alerta*, n.45, mar. 2000, p.1.

à ação política, enquanto o CEHP tornar-se-ia a base cultural e ideológica do movimento, ambas com ideologia integralista. O grupo e evento foram noticiados na imprensa local, apresentados como “a TFP do Século XXI”. (Caldeira Neto, 2011, p.95)

As tentativas de rearticulação de um movimento unificado receberam grandes contribuições de adeptos de São Paulo e Rio de Janeiro, como apontado. Estes exerceram nesse sentido um papel fundamental no restabelecimento de articulações entre novos e velhos militantes. Segundo Carneiro (2007):

Na segunda metade da década de 1990, Arcy manteve viva a ideia de união do movimento, organizando em sua caderneta a rede de contato dos que defendiam a permanência da memória integralista, desde velhos a novíssimos militantes. Alguns grupos nacionalistas, mas não necessariamente seguidores diretos do integralismo também frequentavam o Centro Cultural Plínio Salgado. Alguns deles pertencem ao movimento “Carecas do Rio”. Atualmente, este grupo mantém estreita ligação com o movimento, considerando-se parte dele, mas com certa independência em relação aos três grupos mais expressivos, a Frente Integralista Brasileira (FIB), o Movimento Integralista Linearista do Brasil (MIL-B) e a Ação Integralista Revolucionária (AIR). [...] O apadrinhamento da velha militância daria aos “novos” a necessária ligação física com o pensamento de Salgado. Os debates principais juntamente se davam e ainda se dão sobre o modo de reorganização do movimento. Alguns apoiam a reorganização como partido, outros defendem que a essência integralista é antipartidária, pois a existência de partido faz parte da essência da democracia liberal que abominam. Assim sendo, o novo integralismo, atualmente, é composto de diversas correntes multiplicadas de norte a sul do país, principalmente sudeste e sul, que buscam legitimar a autorreferência de verdadeiro herdeiro do integralismo. (Carneiro, 2007, p.151-3)

A partir principalmente da década de 1990, a intensificação dos contatos e os encontros entre grupos nacionalistas reunidos pela iniciativa dos integralistas proporcionaram uma nova conjuntura de relativo crescimento destas organizações, e a proposta de novos Congressos Nacionais para buscar centralizar os núcleos espalhados pelo país encontrou êxito a partir da primeira década do século XXI.

5.2. Os novos Congressos Nacionais Integralistas e a gênese e rupturas entre os aparelhos do Sigma: Frente Integralista Brasileira (FIB)

A questão e o debate sobre reorganização dos grupos herdeiros do Sigma em nível nacional motivou os militantes a organizarem em 2004 um encontro denominado “Congresso Integralista para o século XXI”.¹⁹ Naquele evento foi fundado o efêmero Movimento Integralista Brasileiro (MIB), com o objetivo de projetar novamente a organização no cenário político nacional. Porém, após o congresso, os militantes descobriram que também já existia um registro de uma organização com o mesmo nome de Movimento Integralista Brasileiro e que o registro havia sido efetuado por Anésio Lara Campos. Assim, o maior resultado do encontro de 2004, que era a organização de uma nova associação do Sigma com pretensões de atuação em nível nacional, foi frustrado, não possibilitando a união dos militantes como pretendido. Ao menos não com o nome escolhido. Pois Anésio Lara poderia querer exercer a autoridade da posse do registro da sigla para aplicar a autoridade de seus pontos de vista sem o consenso das demais lideranças (Caldeira Neto, 2011, p.153-4).

A realização do congresso de 2004, entretanto, representou um marco para a continuidade das organizações integralistas. E o evento foi realizado sob protestos e mobilizações de grupos antifascistas, como destacou o site Centro Mídia Independente:

19 Segundo o relato de Carneiro em sua observação participante enquanto pesquisadora no referido Congresso: “[...] em dezembro de 2004 reuniram-se os grupos dispersos que tentavam dar uma unidade ao integralismo. O 1º Congresso Integralista para o Século XXI reuniu-se na sede da UND (União Nacionalista Democrática) na capital paulista para nova tentativa de reorganizar a AIB. Esta pequena assembleia que reuniu representantes de Centros de Estudos e Debates Integralistas (CEDIs), núcleos diversos de simpatizantes que haviam se organizado em seus locais de origem com propostas debatidas internamente com o objetivo e expô-las e discuti-las no encontro, decidiu pela fundação do MIB (Movimento Integralista Brasileiro) e do Conselho Nacional Integralista formado por 40 membros que assumiram a missão de ‘resgatar o integralismo em todo o Brasil’. Deste encontro também participaram representantes do PRONA, da União Católica Democrática, do MV-Brasil (Movimento pela Valorização da Cultura, do Idioma, e das Riquezas do Brasil), alguns militares da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) e UND. O que então pude constatar é que esta pequena parcela da direita brasileira, carregado de posições ultranacionalistas procura através da organização conjunta, consolidar um discurso que não pretende levar em conta o debate democrático, preferindo fazer valer seus pontos de vista a partir de posições intolerantes e violentas.” (Carneiro, 2007, p.153-154).

Antifascistas nas ruas contra o integralismo! Felizmente alguns companheiros resolveram perturbar a tal “paz nacionalista” que eles tanto pregavam [...] Há poucas semanas, diversos cartazes em que se via um enorme Sigma, símbolo adotado pelos integralistas, tomaram a cidade, anunciando o 1º Congresso do Movimento Integralista para o Século XXI, que ocorreu nos dias 4 e 5 de dezembro em São Paulo.

O Congresso se deu na sede da UND – União Nacionalista Democrática, localizada na Rua Cajuru, 860, no bairro do Belém, zona leste, cedido pelo advogado Antônio Ribas Paiva. [...] Estavam presentes o deputado federal Elimar Máximo Damasceno, do Prona, e também alguns skinheads que puderam ser observados. O local do encontro amanheceu com os dizeres “Fora Fascistas! Cuidado!” pichados na porta de entrada, os quais Antônio Ribas tentou insistentemente encobrir com tinta branca. Além dos panfletos, distribuídos às pessoas que passavam a pé e de carro, @s manifestantes também dialogaram e receberam apoio da população local, alertando sobre a reorganização do grupo de extrema direita, com ideais xenófobos, intolerantes e discriminatórios.²⁰

Devido às divergências entre os grupos, que ocorreram na ocasião do evento de 2004, que tinha o objetivo de unir as diversas correntes integralistas, os militantes separaram-se em agremiações autônomas, como será apontado à frente.

O fracasso da tentativa de fundação do MIB, entretanto, foi suplantado com a fundação, no mesmo ano, da Frente Integralista Brasileira (FIB) em continuidade com as ambições e objetivos de uma reorganização e expansão do integralismo.

Após o êxito da fundação da FIB, depois do congresso de 2004, a organização realizou até o presente momento mais três Congressos Nacionais que ocorreram no Estado de São Paulo em 2006²¹ e na cidade do Rio de Janeiro em 2009.²² E, no ano de 2012, quando esta investigação foi finalizada, ocorreu

20 “Antifascistas nas ruas contra o integralismo”. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/12/296776.shtml>>. Acesso em: 1/7/2009.

21 As fotos dos dois últimos Congressos Integralistas estão disponibilizadas na internet em: <<http://www.integralismonosul.net/multimedia/fotos/atuais/>>. Acesso em: 2/7/2009.

22 Disponível em: <<http://www.integralismorio.org/offensiva/arquivos/2009/260109.htm>> Acesso em: 1/7/2009.

o IV Congresso Nacional Integralista sendo este último evento novamente realizado na cidade de São Paulo.

Na ocasião do III Congresso Nacional foi lançado um novo documento de diretrizes integralistas intitulado Manifesto da Guanabara e o evento consolidou a FIB como a organização central de aglutinação de aparelhos integralistas mais bem estruturada e representativa entre os herdeiros do Sigma.

O IV Congresso da FIB ocorreu recentemente e os sites do movimento divulgaram a notícia:

Nos dias 4 e 5 de fevereiro de 2012, lideranças de grande parte do Brasil estiveram reunidas na cidade de São Paulo para participar do IV Congresso Nacional da Frente Integralista Brasileira. O IV Congresso Nacional da Frente Integralista Brasileira foi o evento de apreciação, formulação e definição das linhas gerais das estratégias e políticas da organização para o Brasil, sendo integrado por palestras e fóruns de discussão propostos. O evento teve como objetivo formular e estabelecer estratégias nacionais de curto, médio e longo prazo, bem como dotar a Frente Integralista Brasileira de uma agenda institucional e política que possibilite de alcançar os objetivos pretendidos.

Foi importantíssimo o envolvimento dos integralistas neste evento, seja divulgando o evento e elaborando propostas a serem apresentadas pelo representante local no IV Congresso Nacional ou participando presencialmente na construção do futuro do Brasil!²³

As informações sobre o IV Congresso e seus resultados foram também noticiadas através dos jornais on-line para download disponibilizados para os militantes. Um exemplo desta estratégia de propaganda foi constatado no novo jornal *Ação*.²⁴

23 IV Congresso Nacional – 2012. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/?cont=831&ox=1>>. Acesso em: 14/4/2012.

24 Segundo o site da FIB: “É com grande satisfação que disponibilizamos *Ação!*, o informativo oficial da Frente Integralista Brasileira. O momento para lançá-lo não poderia ser mais apropriado. Estamos entrando em uma década decisiva para o futuro do Brasil e do mundo, onde o cenário que se configura nos apresenta desafios importantes para crescer e consolidar alguns de nossos objetivos. Produzindo um veículo voltado ao integralista, esperamos ser esta uma pequena contribuição para o desenvolvimento de nossa organização e de nossos companheiros. Divulgue você também!” (*Informativo Ação*. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/?cont=289>>. Acesso em: 14/4/2012).

O site da FIB disponibiliza os links com as imagens das páginas iniciais de cada uma das seis edições do novo jornal *Ação* em que o usuário pode acessar e fazer o download das edições completas. Esta é, sem dúvida, uma grande inovação nas formas de socialização e mobilização política exercida pelos integralistas, sobretudo, porque foi identificada a constante busca por novas formas e estratégias para a continuidade de difusão dos militantes.

A edição número seis do jornal integralista *Ação* divulgou a realização do IV Congresso Integralista realizado em São Paulo. A publicação apontou as atividades ocorridas nos dois dias do evento que propiciou, segundo o jornal, “a troca de experiências e a elaboração de propostas que permitam uma maior coordenação tendo em foco o crescimento do movimento”. Participaram militantes do Distrito Federal, do Paraná, do Rio de Janeiro, de Santa Catarina e de São Paulo.²⁵

No primeiro dia de evento, a participação foi restrita a membros e o artigo, referenciado abaixo, forneceu informações sobre os temas debatidos nas palestras e as referidas lideranças que participaram das mesas durante as atividades. Destacaram-se, nesta pesquisa, segundo as análises realizadas sobre o IV Congresso, as estratégias da FIB para articular um órgão em sua estrutura burocrática para os contatos internacionais da organização com outros grupos nacionalistas.²⁶

25 Ferraz, Eduardo. “IV Congresso Nacional é realizado com sucesso”, *Ação*, n.6 jan.-fev. 2012, p.3. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/acao/pdf/2012-ACFIB-006.pdf>>. Acesso em: 14/4/2012.

26 “Primeiro palestrante, o companheiro Alexandre Villacian abordou as ‘Relações Internacionais da Frente Integralista Brasileira’, setor do movimento que está sendo estruturado. Em seguida, companheiros abordaram táticas de trabalho junto às comunidades em que os núcleos atuam e o companheiro Paulo Fernando, conselheiro e membro fundador da Frente Integralista Brasileira, proferiu importante exposição sobre ‘Política Partidária’. Por fim, o companheiro Murilo Cesar, presidente do Núcleo Municipal do Rio de Janeiro, realizou uma exposição sobre os métodos de organização adotados pelo integralismo na capital fluminense. No segundo dia – o mais extenso do evento, tendo seu início às 9:30 da manhã e encerramento às 21h, seguiu-se a sequência de palestras. O companheiro Victor Emanuel apresentou ao longo do dia três delas: “Nacionalismo Tradicionalista”, “Justiça e Bem Comum – Economia Cristã *versus* Economia Liberal” e “Nacionalismo Integral”. O companheiro Lucas Carvalho, diretor administrativo nacional, além de presidir a mesa em diversos momentos, discorreu em sua palestra “Breve Panorama Nacional” sobre a realidade e a situação política brasileira. Na mesma linha, costurando o assunto, o companheiro Paulo Fernando discorreu sobre “Defesa da Família”, quando apresentou uma sequência de denúncias contra o governo federal e suas políticas que visam a destruição da família e a desagregação da sociedade brasileira [...]” (Ibid., 2012, p.3).

A informação sobre o objetivo da FIB de estabelecer contatos com outras organizações chauvinistas no exterior foi confirmada através dos conteúdos analisados no site da organização.

No referido site, segundo o artigo “Integralismo: intercâmbio na Europa”, foi constatada a afirmação de que “nos últimos anos, a FIB desenvolveu diretrizes próprias para a realização de intercâmbios e estabelecimento formal de contato com grupos e organizações no exterior”. E, que, neste sentido, o militante Alexandre Villacián da FIB-PR estabeleceu encontros com membros da organização belga denominada Nation, assim como com a Action Française.²⁷

Os dados obtidos através da análise das informações do IV Congresso também proporcionaram importantes constatações a respeito dos grupos participantes do referido evento. Segundo o artigo, ocorreu na ocasião a adesão do denominado Centro Cultural Gustavo Barroso à FIB e o texto também relatou a participação de militantes da Casa Plínio Salgado de São Paulo e da organização juvenil Ultra Defesa:

Estiveram presentes ainda representantes de outras organizações que tiveram a oportunidade de realizar uma breve exposição de seu trabalho. Destacamos a presença da Casa de Plínio Salgado, que desenvolve importante trabalho em prol da Doutrina do Sigma e da memória de Plínio Salgado; da Ultra Defesa, organização nacionalista e patriótica que atua contra o neoliberalismo; e da Juventude

27 “Nos meses de outubro e novembro, a FIB estabeleceu contato oficial com duas importantes organizações nacionalistas do continente europeu: Nation, da Bélgica Francófona, e Action Française, da França. Os intercâmbios da Frente Integralista Brasileira (FIB) com o exterior visam apresentar o Integralismo e a FIB às pessoas em diversas nações nos diferentes continentes, bem como conhecer e aprender com aqueles que lutam por causas similares nos mais diversos países. Na ocasião, o Companheiro Alexandre Villacián (FIB-PR) esteve representando a Administração Nacional no continente europeu e levou ao conhecimento das organizações citadas algumas propostas de cooperação em âmbito internacional. Nos últimos anos, a FIB desenvolveu diretrizes próprias para a realização de intercâmbios e estabelecimento formal de contato com grupos e organizações no exterior. Excluindo-se as diferenças naturais em razão da origem, história e cultura diferentes entre os países, ambas as organizações têm grau de proximidade com o Integralismo brasileiro. Tanto o Nation quanto a Action Française são partidárias de um nacionalismo integral e desvinculado da tradicional denominação direita-esquerda, optando por definirem-se apenas como nacionalistas ou patriotas. [...] Os trabalhos em âmbito internacional, apesar de ainda incipientes, poderão servir de importante via para promover as relações futuras de um Brasil integralista com os demais países, bem como são – sem dúvida – uma janela para apresentar o Integralismo como uma atuante força política ao mundo.” (“Integralismo: intercâmbio na Europa”, *Nova Offensiva*. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/?cont=780&ox=132>>. Acesso em: 24/4/2012).

dos Pinheirais, organização não governamental que atua em estreita cooperação com o Núcleo de Curitiba.²⁸

Na perspectiva de comparar e analisar a experiência integralista contemporânea, um aspecto que foi averiguado nesta pesquisa concerne à existência de grupos milicianos, como no contexto integralista da primeira metade do século XX.

Na análise das fontes foi constatado que integralistas vinculados à FIB organizaram um pequeno grupo de caráter paramilitar denominado “Brigadas Integralistas”, segundo dados do seu site.²⁹ Sua proposta era ser um segmento de mobilização e ação da Frente Integralista Brasileira.

O lançamento de suas atividades ocorreu em 25 de agosto de 2008 (Dia do Soldado no Brasil) e surgiu do trabalho elaborado por militantes preocupados com a forma de ação da instituição, para que deixasse de ter apenas uma formação doutrinária. O grupo foi efêmero e no ano posterior se desvinculou dos integralistas da FIB por divergências.

As Brigadas Integralistas atuaram especialmente na cidade de São Paulo. Dentre as atividades destacadas, manifestações públicas, divulgadas em vídeos³⁰ na internet, através do YouTube, propagandeavam panfletagens realizadas e organizadas na busca de colocar em evidência o grupo que tinha por objetivo a difusão da ideologia integralista e ações de intervenção buscando cooptar novos militantes. Em 2009, por divergências internas, os participantes das Brigadas romperam com a FIB.

A Frente Integralista Brasileira – FIB, entre os novos grupos herdeiros de Plínio Salgado, defende a manutenção da ideologia do Sigma, formulada na década de 1930, porém as outras organizações integralistas como o Movimento Integralista Linearista – MIL-B e a Ação Integralista Revolucionária – AIR enfatizam a necessidade de revisão das concepções ideológicas diante das novas conjunturas contemporâneas.

Na contemporaneidade, a militância rearticula-se, segundo as constatações realizadas nos meios de comunicação da organização, mesmo marcada pela

28 Ibid., 2012, p.3-4.

29 Disponível em: <<http://www.integralismo.org/>>. Acesso em: 2/7/2009.

30 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZYVUW6KZKPk>>. Acesso em: 3/7/2009.

descentralização partidária, e não se inibe na busca pela aproximação de antigos e novos camisas verdes, comprometidos com a difusão de sua ideologia.

A Frente Integralista Brasileira (FIB) está representada em núcleos em aproximadamente vinte cidades, concentradas em sua maioria no sudeste e sul do país. É a mais expressiva organização chauvinista contemporânea, defendendo a manutenção da ideologia formulada originalmente na década de 1930. Entretanto, outras novas organizações integralistas enfatizam a necessidade de expansão e revisão das concepções políticas diante das novas conjunturas. Como o Movimento Integralista Linearista (MIL-B), fundado oficialmente em 2006, com sua sede localizada em Campinas (SP) e com núcleos nas cidades do Rio de Janeiro e Juiz de Fora (MG). E, em menor medida, devido ao seu número de participantes, a denominada Ação Integralista Revolucionária – AIR, fundada em 2004, com sede na cidade do interior paulista de Rio Claro.

Estes aparelhos integralistas, segundo a acepção gramsciana de aparelhos privados de hegemonia, são resultado da mobilização de militantes de diversas regiões do país que colaboraram e continuam a colaborar para a continuidade da divulgação de valores chauvinistas na contemporaneidade.

5.3. O Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B)

A organização integralista contemporânea denominada Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B) foi fundada oficialmente em 2006 pelo policial federal Cássio Guilherme Reis Silveira, que é o seu presidente. Este e os militantes Rafael Ferreira e Marcelo Franchi são as lideranças principais deste agrupamento chauvinista, sendo sua sede localizada na cidade de Campinas (SP), possuindo filiais com pequenos núcleos nas cidades do Rio de Janeiro e Juiz de Fora (MG), e com coordenadores em atividades nas cidades de Curitiba e São Paulo.

O líder do “Integralismo Linearista” foi entrevistado em 2007 por Márcia Carneiro para sua tese de doutorado, segundo as informações referenciadas pela pesquisadora. Aspectos biográficos do dirigente Cássio Guilherme possibilitam a reconstrução de suas influências políticas.

O mesmo teve sua formação política e profissional inicial já na adolescência, quando foi aluno da Escola Militar de Campinas, ocasião em que frequentou reuniões da Opus Dei. Aderiu posteriormente ao integralismo em 1992, contexto em que foi líder estudantil na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde cursou engenharia. Lá foi líder da Juventude Nacionalista, organização atuante até os dias de hoje, e projetou-se como presidente do Diretório Acadêmico e do Diretório Central dos Estudantes, fundando naquela cidade um grupo de estudos nacionalistas que aderiu à ideologia do Sigma. Articulando gradualmente, a partir daquele contexto, a denominada proposta linearista, caracterizada por uma “hibridização” entre o integralismo, concepções fundamentalistas cristãs e concepções científicistas, surgiu a ideia do integralismo linearista.

Na década de 1990, Cássio começou a se corresponder com maior frequência com intelectuais chauvinistas aproximando-se gradualmente das lideranças integralistas das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. E, depois de formado, entrou para a Polícia Federal em 2002, atuando na cidade de Campinas, onde começou uma nova fase de sua militância articulando um núcleo integralista na referida cidade.³¹

A partir de 2004, o futuro líder do integralismo linearista aproximou-se mais diretamente dos irmãos Batista, dirigentes da Casa Plínio Salgado, frequentando as reuniões em São Paulo. Assim, a articulação entre a velha e a nova militância, desde meados da década de 1990, estimulou e propiciou a organização do I Congresso Integralista para o século XXI, sendo Cássio e os militantes da Casa Plínio Salgado, e do Rio de Janeiro, entre outros, os principais organizadores do evento.

31 “Segundo dados da entrevista realizada por Márcia Carneiro (2007, p.326), o líder do MIL-B afirmou: “Eu sabia que ‘Seu’ Anésio Lara era representante da Ação Integralista Brasileira em São Paulo; eu sabia que o ‘Seu’ Gumercindo Rocha Dórea era editor dos livros de Plínio Salgado em São Paulo. Cheguei em 1993 e 1994 a comprar alguns livros da GRD, da editora dele. Eu tinha contato também com o senhor Armando Zanine que tinha sido presidente do partido Nacional-Socialista Brasileiro no Rio de Janeiro. Eu sabia que ele tinha uma atividade nacionalista, mas, depois, eu fiquei sabendo que ele tinha sido nacional-socialista, esse tipo de coisa e tive alguma divergência com relação ao posicionamento dele. Isso em 1994-1995 ele quis formar o Movimento Nativista Brasileiro e ele me convidou então, para participar deste movimento nativista lá no Rio de Janeiro. Só que eu não vi que tinha muita firmeza nisso daí porque estava me parecendo um híbrido de nacional-socialismo com nazismo, com nacionalismo brasileiro que não era exatamente a linha da Ação Integralista.”

Naquele contexto, os participantes do referido “congresso”, buscando a centralização dos integralistas e dos poucos núcleos existentes, fundaram o Movimento Integralista Brasileiro (MIB). Porém, devido a divergências entre os líderes da Casa Plínio Salgado e Cássio Guilherme Reis Silveira a respeito da reinterpretação da ideologia integralista, este último optou por manter seu grupo independente em Campinas. Surgiram assim o MIL-B e a Sene (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista), com o objetivo de ser um órgão destinado a estudos e debates na sociedade civil sobre a interpretação linearista da realidade social.

O linearismo, segundo os dados do site da organização, tem como proposta articular os elementos nacionalistas e espiritualistas dos livros dos líderes da década de 1930, buscando reinterpretá-los e atualizá-los de acordo com as mudanças históricas da contemporaneidade, através da ideologia integralista e, segundo “pressupostos científicos”.³² O significado da denominada “doutrina linear” foi explicitado em artigo escrito pelo líder do MIL-B:

[...] O linearismo acredita na coexistência dos estados teológicos, metafísicos, físicos e político-sociais em perfeita consonância complementar. Por isso, o verdadeiro linearista valoriza tanto o entendimento teológico da natureza quanto o entendimento físico-matemático e mesmo o entendimento metafísico, através da astrologia, numerologia, cartomancia, parapsicologia e outros. Todos os aspectos

32 “Vamos explicar com esse artigo qual o objetivo central da Doutrina Linear Brasileira e o que significa o pensamento filosófico linear. Em 1991 alguns companheiros fundaram em Juiz de Fora a Juventude Nacionalista, chefiada pelo companheiro Cássio Guilherme, começaram então a divulgar essa ideia principalmente nos meios acadêmicos da cidade. No final desse mesmo ano, os companheiros entraram em contato com a filosofia integralista e começaram a estudar as obras de Plínio Salgado e toda a sua estruturação doutrinária. Diante da grandeza cívico-espiritualista dessa obra passamos então a adotar um Núcleo Integralista na cidade, pois percebemos logo que o integralismo englobava nossos anseios nacionalistas, ao mesmo tempo que nos dava um caminho moral e cívico a trilhar. O Núcleo Integralista de Juiz de Fora foi oficialmente fundado em 1992. [...] Alguns amigos que frequentavam as reuniões eram estudantes de mestrado em Física e dentre vários temas começamos a discutir assuntos relacionados à física e à metafísica. Além dessa fusão multidisciplinar de estudos, constatamos também que a questão espiritual nos atormentava e precisava ser colocada em bases sólidas de entendimento e estudo. Chegamos então à conclusão que poderíamos fundir todos os assuntos e tentar relacioná-los e interligá-los, procurando uma sequência harmônica de explicação dos fenômenos sociais, econômicos, políticos e até espirituais com o ferramental ordenado da Matemática e da Física. Criamos de forma destemida uma nova filosofia: a Filosofia Linear [...]” (Silveira, Cássio G. Reis. *O que é linearismo*. Disponível em: <<http://www.doutrina.linear.nom.br/O%20QUE%20C9%20LINEARISMO.htm>>. Acesso em: 15/2/2011).

da realidade humana devem ser exaustivamente avaliados e entendidos. [...] O linearismo valoriza sobremaneira a liberdade de pensar e filosofar, em todas as áreas imagináveis do conhecimento humano. Entretanto, não somos puramente humanistas, no sentido em que o linearista deve saber que toda forma de pensamento e ação humanos acabam por forçar o homem a reconhecer uma autoridade suprema que deve descaracterizar a tendência caótica dos sistemas naturais. [...] A única proposta clássica filosófica que pode se aproximar do linearismo seria a Escolástica de Santo Agostinho, entretanto a conciliação entre fé e razão tem um esboço harmônico na doutrina linear e não há traumas dogmáticos a serem suplantados por dogmas da razão, preocupação inerente ao pensamento agostiniano. [...] ³³

Para a compreensão das divisões entre os grupos integralistas na atualidade e suas concepções, a análise comparativa das concepções defendidas pelo MIL-B, com os fundamentos ideológicos divulgados pelos demais grupos herdeiros do Sigma, foi fundamental para o entendimento das diferenças das perspectivas entre os aparelhos analisados.

5.4. “O exército de um homem só”: a Ação Integralista Revolucionária (AIR)

O terceiro grupo herdeiro do Sigma investigado nesta pesquisa foi o aparelho integralista denominado de Ação Integralista Revolucionária (AIR), fundado na cidade de Rio Claro (SP), pelo militante Jenyberto Pizzotti.

A AIR foi fundada em 25 de dezembro de 2004 e teve como proposta articular uma modalidade diferenciada de estruturação através de um modelo de núcleos em organização sob “células”, em sua proposta sob a coordenação em nível nacional do auto proclamado presidente da AIR. Esta estratégia caracterizou-se em grande medida direcionada a instrumentalizar as novas tecnologias de comunicação advindas da internet, como o uso de comunidades virtuais como o Orkut, ferramentas principais do que podemos caracterizar como cibernitância ou ciberativismo.

O líder da AIR é militante desde 1977, segundo seu depoimento, usado como fonte oral na tese de doutorado da historiadora Márcia Carneiro

³³ Ibid.

(2007), foi identificado como defensor de um nacionalismo exacerbado e de um Estado forte, sob uma lógica do ordenamento social fundamentado em pressupostos da defesa da moral cristã. O referido intelectual do Sigma na mencionada entrevista explicou o percurso de sua adesão ao integralismo.³⁴

Jenyberto Pizzotti relatou que a segunda metade da década de 1980 foi fundamental para o contato entre antigos e novos integralistas. Segundo o dirigente da AIR, durante 1975 a 1985, foi o citado advogado Jader Araújo de Medeiros o grande aglutinador dos ideais e da militância integralista através de seu jornal. E ele destaca que após 1985 Anésio Campos Lara Junior, de São Paulo, era também uma liderança expressiva que buscou refundar a Ação Integralista Brasileira.

Naquela ocasião, em 1988, os integralistas buscando a reorganização fizeram o denominado Congresso da AIB em Niterói, no Sindicato dos Jornalistas Fluminenses, onde Anésio Lara e Sebastião Cavalcante candidataram-se à presidência da organização, sendo este último eleito e Anésio tornando-se vice-presidente da nova AIB. Com a renúncia do então presidente, Anésio torna-se a liderança nacional do que Márcia Carneiro conceituou como a gênese da terceira fase do integralismo (Carneiro, 2007, p.148). Anésio, porém, foi duramente criticado por registrar o nome das novas organizações integralistas e exercer um monopólio sobre as mesmas.³⁵

34 “Em 1977, na realidade, que eu conheci o integralismo como movimento e através de livros como doutrina. [...] Em 1977 se inaugura uma praça aqui em nossa cidade que levou o nome de praça Plínio Salgado. E o meu pai não foi uma influência direta, mas sim por tabela, ele tinha um grande amigo que depois se tornou uma pessoa que mora no meu coração que é o Sr. José Constante Barreto [...] Ele foi das milícias integralistas. Ele foi presidente do Núcleo de Santos [...] E aí eu fiquei conhecendo o doutor Jader Araújo de Medeiros, do Rio de Janeiro. Ele tinha um jornal chamado *Renovação Nacional*. Jornal fantástico, maravilhoso [...] tinha uma ligação com as Forças Armadas, através deste jornal. Eles faziam uma ponte, uma ligação muito grande através de artigos. E, esse doutor Jader, com esse companheiro, já naquela época com certa idade, eles praticamente me introduziram na doutrina integralista através de livros, através de jornais, através muito de histórias. E foram me introduzindo, me passando o que era o movimento integralista, a partir daí, de 1977 até 1989 ... 1988. Você vê que foram vários anos. Houve uma espécie de preparação para minha liderança, através destas pessoas que eu te citei e de outros integralistas de Rio Claro e fora. Em 1988 é quando eu entro em contato realmente com companheiros, principalmente do Rio de Janeiro. E forma-se, estabelece-se uma liderança da minha parte.” (Depoimento Jenyberto Pizzotti apud Carneiro, 2007, p.346-7).

35 “Em 1985, um pouco antes o doutor Anésio Campos Lara Junior [...] cansado talvez de reorganizar a Ação Integralista Brasileira, de refundá-la ele simplesmente faz o seguinte, ele se apropria ilegalmente, na minha opinião, da sigla AIB – Ação Integralista Brasileira. Diz ele que consultou minha querida dona Carmela, o pessoal de São Paulo, os parentes de Plínio.

Outro fator que criou obstáculos para aceitabilidade de Anésio Lara como liderança nacional, além de ter registrado a AIB e o MIB em seu nome, também foi a ação que lhe proporcionou duras críticas por parte dos demais militantes; sua aproximação com grupos skinheads denominados “carecas”, como já apontado. Segundo o depoimento de Jenyberto, Anésio atrapalhou a imagem da nova AIB, devido a um fato ocorrido em 21 de abril de 1989, dia do nascimento de Hitler, quando se deixou fotografar com alguns carecas. A imagem repercutiu em jornais que se posicionaram criticamente em relação à nova organização integralista.

De fato, a relação de Anésio com skinheads foi confirmada por uma fonte documental encontrada e utilizada nesta pesquisa. Esta fonte foi um dos vídeos mais interessantes entre os que foram encontrados e arquivados. “A cultura do ódio” está disponibilizado no site de compartilhamento de vídeos YouTube.

O vídeo refere-se ao antigo programa Documento Especial do SBT, que rendeu inclusive um processo de acusação de apologia ao nazismo para a equipe do programa devido ao espaço aberto para que militantes neonazistas da cidade de São Paulo explicitassem seus valores racistas, homofóbicos e xenófobos, especialmente contra os migrantes nordestinos. Neste vídeo, Anésio Lara é um dos protagonistas ao lado dos militantes skinheads “Carecas do ABC”.

As questões relativas ao preconceito, discriminação e racismo continuam presentes na sociedade contemporânea e o vídeo “A cultura do ódio”³⁶ possibilitou a visualização e o entendimento da continuidade de formas retrogradadas e violentas de concepção sobre os indivíduos e sobre suas concepções de ordenamento social baseados no referencial de extremismo político.

Ninguém tinha interesse em reorganizar o movimento. Então, ele, numa ação totalmente individualista, registrou em São Paulo, um estatuto, que feito por ele sem nenhuma consulta [...]. Ele simplesmente criou um estatuto e com mais duas pessoas, o Sérgio Vasconcelos do Rio e a mãe do Sérgio [...] como presidente da AIB, isso em 85. Aliás, antes disso ele fundou o Movimento Integralista Brasileiro – MIB, do qual eu disse para os meninos, agora para o pessoal mais jovem por ocasião de 2004, dezembro, que foi feita a reunião em São Paulo [...] E daí saiu a FIB, depois porque o MIB já estava criado há muito tempo pelo Anésio, registrado.” (Carneiro, 2007, p.350).

36 *A cultura do ódio*. Documento Especial. SBT, 1992. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qsD0g29nVzI>>. Acesso em: 25/2/2011.

A reportagem disponível no portal de vídeos YouTube é dividida em três partes e evidencia imagens de Anésio Lara ao lado de um grupo de “Carecas do ABC”. Interrogado pelo repórter por que estava com os skinheads, Anésio afirmou que “todas as correntes nacionalistas deveriam se unir”.

Em relação aos “carecas”, Jenyberto colocou sua posição no depoimento para a historiadora Márcia Carneiro, confirmando que os integralistas tinham contato com os skinheds.³⁷ Ainda segundo os dados fornecidos pelo trabalho de Carneiro (2007), como apontado, Anésio Lara continuou a militar pela reorganização do integralismo, mas criando obstáculos para seus pares devido a esse acontecimento que envolveu os denominados “carecas” na data de comemoração do aniversário de Hitler. Outro fato é que os registros das organizações integralistas que ele fundou na década de 1980 estavam em seu nome. Essas questões resultaram na abertura de um conselho de ética na Nova AIB para avaliar as atitudes de Anésio, que perdeu a presidência da organização e depois foi expulso. A partir destes acontecimentos e do falecimento de antigas lideranças, o movimento, para Jenyberto Pizzotti, um novo momento de nostalgia dos integralistas, “perdeu a força que ensaiou ter em fins dos anos 1980 com a recriação da AIB” (Carneiro, 2007, p.353).

Os herdeiros do Sigma continuaram, entretanto, a rearticular-se sob a influência descentralizada de seus aparelhos. Nos últimos vinte anos, depois das tentativas de criação da nova AIB esboçadas na década de 1980, os militantes retomaram a iniciativa de trabalhar na criação de condições para a reorganização centralizada. Porém, ainda com alguns obstáculos proporcionados por Anésio, segundo os dados extraídos do depoimento do líder da AIR Jenyberto Pizzotti (Carneiro, 2007, p.351).

Na análise destes depoimentos e também nos conteúdos disponibilizados em sites e jornais integralistas, a questão da internet como uma ferramenta

37 “[...] inclusive quero dizer pra você que nós temos muito contato com estes movimentos e muitos militantes são idealistas, são maravilhosos, não têm nenhuma ligação com a coisa de racismo [...] a gente tem que pesquisar para fazer uma distinção de grupos que têm essas ideias, raciais e tal, e outros que não, que são idealistas mesmo. [...] Então eu quero dizer o seguinte, que o Anésio se associa com alguns garotos assim e se deixa fotografar com a bandeira integralista e com a bandeira nazista junto. Fez uma salada e não precisou de mais nada para a mídia da época. Então os jornais tipo: o *Estado de S. Paulo*, jornais como a *Folha*, como *Jornal da Tarde*, jornais assim simplesmente detonaram o integralismo. Eles começam um processo, porque normalmente nessas redações, pelo menos na época é inegável que a maior parte dos jornalistas era de formação marxista. [...]” (Depoimento Jenyberto Pizzotti apud Carneiro, 2007, p.352).

importante foi destacada, como constatado nesta investigação. E a entrevista de Jenyberto Pizzotti fez menção a esta questão:

na década de 1990, como você mesmo está colocando, é que realmente houve alguns movimentos, digamos assim, na década de 1990 mais precisamente 1995 se inicia no Brasil a internet, isso em 1995, mas só por volta do ano 2000 é que partindo do Rio de Janeiro, com Marcelo, que é falecido, você sabe, se cria o Cedi, é o Centro de Estudos e Debates Integralistas, com dr. Arcy dando total apoio e orientando [...]. Tinha o Cedi e nós também atuando, é o que eu te falei, assim fazendo algumas coisas, bom é o seguinte, o Fernando (Batista) [...] um grande idealista também, uma moço fantástico, ele com o Marcelo já haviam criado um site, o Fernando também cria um site e então se começa a dar os primeiros passos para a divulgação do integralismo através da internet [...] aí nós chegamos então no ano 2000, aí nós tivemos aquele encontro aqui em Rio Claro (foi o I Encontro dos Pesquisadores sobre o Integralismo – um encontro de pesquisadores, do qual os integralistas participaram apenas como convidados) [...] aí nós vamos pular um pouquinho mais para o ano de 2004. Em 2004, no final do ano eu recebo um contato de Cássio, o Cássio havia atuado um pouco em Minas, segundo ele me contou e após isso ele estava em Campinas e fazia uma ponte aérea com São Paulo, com Marcelo [Silveira], o Lucas [...]. (Carneiro, 2007, p.354)

Márcia Carneiro (2007, p.355-356) constatou em sua tese que no contexto da organização do Congresso Integralista de 2004, realizado em São Paulo, os contatos entre Jenyberto e Cássio Guilherme se estabeleceram, sendo o militante de Rio Claro convidado por este último a participar do evento integralista em São Paulo.

Jenyberto Pizzotti não participou do denominado Congresso Integralista para o século XXI e após discordar de questões elencadas no evento formou sua própria organização. Jenyberto fez oposição ao monopólio do registro do quase efêmero Movimento Integralista Brasileiro (MIB) nas mãos de Anésio Lara e colocou-se contra a postura dos participantes do evento em querer rever as antigas diretrizes integralistas criadas por Plínio Salgado na década de 1930. Outro fator somou-se a sua posição antagônica sobre os desdobramentos daquele encontro: a participação de militantes do Prona na ocasião, segundo ele, apoiando a sugestão de mudanças nos documentos integralistas com as Diretrizes da AIB da década de 1930 era inaceitável. Estes

fatores levaram Jenyberto a afastar-se dos grupos integralistas, segundo seu depoimento.

O líder da AIR fundou a organização em 25 de dezembro, segundo ele, com os seguintes objetivos:

Devido ao fato de eu não aceitar a estratégia tomada após 1935, me prendo nas raízes do integralismo, enquanto o integralismo foi uma ideia revolucionária não um partido político. (Carneiro, 2007, p.357)

[...] ela se organiza como os comunistas se organizavam através de células, então nós achamos assim que a realidade nossa hoje, dentro do movimento é que se verificou que não há possibilidade, uma chance, pelo menos no momento de se realizar uma centralização, então houve uma pulverização em termos assim de núcleos e nós optamos pela formação de células, então como são essas células? São de três a cinco pessoas aproximadamente que se reúnem pelo menos uma vez por semana e se discute e se conversa sobre o movimento, sobre a situação do país e da doutrina. (Carneiro, 2007, p.361)

Interessante no depoimento em análise a descrição de que um dos motivos pelos quais Jenyberto afastou-se do grupo liderado por Cássio Silveira foi a questão denominada por ele de “doutrinária” devido ao antissionismo dos integralistas linearistas (Carneiro, 2007, p.361).

Uma das alegações também interessantes do líder da AIR é que ele organizou o referido aparelho integralista devido ao perigo de o “Brasil caminhar para uma espécie de chavismo” com o “avanço” da esquerda no Brasil naquele contexto, como forma de “estar mais ou menos preparado se houver uma resistência”:

[...] eu vi que naquele momento político que o Brasil estava tendo, eu vi que o Brasil poderia caminhar para uma espécie de chavismo em nosso país. Então eu pensei que a gente estava mais do que na hora de nos aglutinarmos e pensar uma reação, até revolucionária, até armada mesmo! Em caso de necessidade. [...] por nós termos alguns elementos nas Forças Armadas, inclusive como militares, tanto da reserva como o pessoal mais jovem. [...] Mas digamos que houvesse uma radicalização. Então é nossa ideia central desde 2004 estar mais ou menos preparado se houver uma resistência. (Carneiro, 2007, p.360)

Na ocasião do depoimento a Márcia Carneiro, o dirigente da AIR afirmou de forma espalhafatosa que já existiam sob sua direção mais de 360 células e que cada célula participaria de três a cinco pessoas, sendo aproximadamente uns novecentos participantes atuando através do ciberespaço ou presencialmente (Carneiro, 2007, p.361-362). Porém, observou-se nesta pesquisa que a iniciativa da AIR não obteve grande expressão e confirmou-se na verdade como pretensão inconclusa do “exército de um homem só”.

5.5. Skinheads integralistas, os “Carecas do ABC” e o nacional socialismo brasileiro

Uma questão divide chauvinistas tradicionalistas e chauvinistas atípicos na contemporaneidade. É que os primeiros guardam total lealdade às experiências da primeira metade do século XX, como o fascismo, o nazismo e, no caso brasileiro, o integralismo. Os segundos opõem-se aos tradicionais, pois consideram prejudicial a identificação de suas propostas com os modelos ideológicos e organizacionais estigmatizados pelos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial.

Para os membros desta segunda vertente chauvinista contemporânea, os indivíduos em sociedade são definidos pelo sentimento de pertencimento a comunidades culturais específicas, relativamente fechadas, que dão sentido e valor a sua existência. Daí se origina certas concepções hoje em voga, como o repúdio aos migrantes num discurso impregnado por um sentido específico de lógica territorial. Nacionalismo regional ou nacionalismo étnico é a forma como denominou Manuel Florentin (1994, p.73): “São os grupos que rejeitam o atual conceito jacobino de Estado-Nação e atribuem essa categoria à comunidade orgânica de idêntica etnia, cultura ou língua.”

As organizações em questão são caracterizadas por um discurso fortemente moralizador que sempre focaliza o conteúdo de sua propaganda contra o caráter materialista da vida moderna, referenciando-se a princípios de ordem simbólica, como por exemplo, o pertencimento a uma comunidade étnico-cultural que precisa ser protegida.

Não só na Europa e nos Estados Unidos, mas também na América Latina, os herdeiros da insanidade parecem profundamente divididos entre organizações e militantes chauvinistas tradicionais e modernos.

Os primeiros, a quem a imprensa jornalística e alguns trabalhos acadêmicos aplicam o prefixo “neo” (fascista ou nazista), insistem na herança histórica de Hitler e Mussolini e em sua simbologia, como uniformes, símbolos e a defesa inalterável e irrefutável dos seus pressupostos ideológicos; enquanto os segundos interessam-se em adaptar suas concepções diante da conjuntura contemporânea, negando a simbologia usada outrora.

No emaranhado dos grupos chauvinistas contemporâneos, porém, existem aqueles que apregoam o “novo” sem dispensar certos símbolos na afirmação de sua identidade política. Nesse caso, alguns grupos específicos apresentam-se como nacional socialistas, como é o caso dos skinheads white power brasileiros. Estes encontraram em dois modelos de organização canais para sua militância, seja através de configurações partidárias ou de organizações tipificadas no modelo de gangs juvenis.

Em 1985, foi fundado o Partido Nacional Socialista Brasileiro (PNSB) por Armando Zanine,³⁸ antigo oficial da Marinha. A base deste nacionalismo é a construção do que seu fundador denominava de “raça brasileira”, para a qual seriam aceitas pessoas de todas as “raças e religiões”.

O PNSB tentou por várias vezes o seu registro junto ao Tribunal Superior Eleitoral, a fim de lançar seus candidatos em eleições, obtendo do TSE rejeição todas as vezes, devido às garantias constitucionais em repúdio a qualquer forma de apologia ao nazismo. Ainda que não tenha sido legalmente registrado, o PNSB contava com uma articulada rede de comunicação de âmbito nacional, militantes em vários Estados, principalmente no sul e sudeste, porém também em Estados do nordeste como Sergipe e Bahia.³⁹

38 “Nascido no Rio de Janeiro, em 1930, Armando Zanine, um oficial da Marinha Mercante e ex-militante do Partido Socialista Brasileiro, tornou-se conhecido ao fundar, em 1985, o PNSB (Partido Nacional Socialista Brasileiro), baseado no partido nazista alemão. Esse partido, que se denominava sem rodeios de nazista, pleiteou por várias o seu registro junto ao Tribunal Superior Eleitoral, a fim de lançar candidatos próprios aos diversos cargos políticos, obtendo a rejeição do TSE em todas as suas investidas, por se chocar com vários pontos do artigo 17 da Constituição Brasileira, que se refere à liberdade de criação de partidos políticos desde que sejam resguardados os direitos fundamentais da pessoa humana. Ainda que não tenha sido legalmente registrado, o PNSB, dissolvido há poucos anos, contava com filiados em vários estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Espírito Santo, Santa Catarina e Paraná. O seu principal grupo de sustentação era o movimento dos *carecas*, considerados os skinheads brasileiros.” (Guimarães, 2000a, p.451).

39 “Fundado em 1985 por A. Z., o PNSB divulgava os ideais do partido por meio de palestras, *fanzines*, contatos, reuniões, promoção de eventos, divulgação de panfletos, manifestos e jornais, entre outros. Entre eles, podemos citar o *Desperta Brasil*, editado para servir de porta voz

A base do pensamento nacional-socialista, então, ganhou novos traços e significados históricos e locais; são nacionalistas ferrenhos no sentido político e pautam-se por princípios de caráter distributivista e igualitário, porém restritos nos seus benefícios exclusivamente aos membros de suas comunidades; aí o nacional-socialismo, apenas aos que compartilham uma espécie de sentimento de pertencimento às comunidades imaginárias que norteiam as concepções destes grupos.

O PNSB, em específico, nas décadas de 1980 e 1990, teve como principal núcleo de sustentação, segundo referências bibliográficas dos “carecas”, o movimento considerado como desdobramento dos skinheads europeus na busca pela construção de um movimento de “cabeças raspadas” genuinamente nacional.

No blog nacionalsocialismoemrede,⁴⁰ por exemplo, os internautas têm acesso a vários vídeos do YouTube sobre a atuação de organizações nacional-socialistas em diversos países. É também presente na internet o site intitulado Partido Nacional Socialista Brasileiro.⁴¹ Neste, a utilização da suástica e outros símbolos nazistas é articulada a propaganda que busca apresentar uma releitura do nacional-socialismo adaptado à realidade brasileira.

No link “ativismo” consta um texto intitulado *Leis do lobo solitário*,⁴² e segundo dados do site o texto foi revisado pela “Diretoria do PNSB”, o que coloca em evidência a continuidade da ação deste grupo. Não se sabe, porém, se existe uma relação direta entre antigos e novos militantes do PNSB. No texto do site em questão são colocadas de forma explícita estratégias para que o “lobo solitário” haja com eficiência e discrição nas suas atividades de militante nacional-socialista. Fazemos referência aqui a parte do conteúdo presente no site intitulado PNSB, para que os leitores possam tirar reflexões diante do conteúdo velado de estímulo à violência vinculado livremente na internet.⁴³

do pensamento nacional socialista brasileiro. Nesse periódico foi divulgado o denominado *Manifesto Nazista Brasileiro*, assinado por Zanine [...]” (Almeida, 2011, p.254-255).

40 Nacional Socialismo em Rede. Disponível em: <<http://nacionalsocialismoemrede.blogspot.com/>>. Acesso em: 14/5/2009.

41 Partido Nacional-Socialista Brasileiro. Disponível em: <<http://nacional-socialismo.com/>>. Acesso em: 14/5/2009.

42 Partido Nacional-Socialista Brasileiro, *Leis do lobo solitário*. Disponível em: <<http://nacional-socialismo.com/LoboSolitario.htm>>. Acesso em: 4/6/2009.

43 “Qualquer um é capaz de ser um Lobo Solitário. Resistência é um estilo de vida, basta ter perseverança e fé na Revolução Nacional-Socialista. Sucesso e experiência virão com o tempo.

É interessante, diante da diversidade dos grupos chauvinistas na contemporaneidade, a bricolagem formada pelos herdeiros das ideologias violentas; militantes do PNSB, skinheads nacional-socialistas e integralistas representam, na perspectiva desta investigação, aspecto do irracionalismo e de elementos do retorno à insanidade caracterizada pela prática violenta e excludente destes grupos.

Neste sentido, como desdobramento da cultura política de decadência ideológica e irracionalismo (Lukács, 1958), é possível a análise comparativa das atuais formas de organização de determinados segmentos skinheads como uma dimensão da generalização da cultura da violência que marca muitas organizações de formação miliciana e de valores segregadores. Porém, existem algumas diferenciações ideológicas entre aqueles que se apresentam como “cabeças raspadas” e diversas tendências devem ser consideradas quando focamos a cultura skinhead como objeto de análise de certas expressões do comportamento político juvenil.

As diferenças entre militantes e organizações que fazem a apologia às concepções ideológicas de Adolf Hitler devem ser destacadas, pois no Brasil e em outros países, nem todo nazista é skinhead, mas os white power apresentam-se como nazistas também, entretanto, muitos militantes das organizações contemporâneas nacional-socialistas não têm vínculo ou relação direta e explícita com grupos skins.

Nesta lógica, nem todo skinhead ou careca é necessariamente um apoiador do nazismo enquanto ideologia; porém, muitos compartilham de determinados valores difundidos pelos intelectuais da suástica, como evidenciou o

Sempre comece aos poucos. Saiba ponderar ‘custo-benefício’, riscos e objetivos de cada ação. Conhecimento é poder. Aprenda com seus erros e com os erros dos outros. Nunca se apresse ao fazer nada, tempo e planejamento são as chaves do sucesso. Quanto menos um estranho souber, mais seguro e mais chances de sucesso você terá. Mantenha sua boca fechada e seus ouvidos abertos. Nunca confesse nada, ou mesmo diga coisas que você acredite que não venham a comprometer o grupo ou sua ação individual. Qualquer informação é uma arma em potencial na mão do inimigo. Lembre-se das cinco palavras: ‘Não tenho nada a declarar!’. Comunicação é algo essencial, mas mantenha suas atividades em segredo, sabendo identificar aqueles dignos de sua confiança. Isso irá te proteger assim como aos outros ativistas. [...] Lembre-se, até as menores coisas farão diferença. Nunca deixe nenhum registro de suas atividades que possam te conectar à mesma. Tenha em mente que repetir as atividades na mesma área irá deslocar a atenção possivelmente a você. Quanto mais você mudar suas táticas, mais efetivas elas serão. [...] Sem encontros públicos (isso inclui marchas, passeatas) que não possam ser realizados através de outros modos de comunicação (correio, e-mail, internet, Skype etc.) [...]”(Partido Nacional-Socialista Brasileiro, *Leis do lobo solitário*).

estudo de Márcia Costa (1993) sobre os *Carecas do Subúrbio*. Sendo possível, porém, a interpretação de que características da cultura skinhead possuem aproximações de uma dimensão de caráter fascistizante em suas práticas e nos valores políticos.

É necessário pontuar as origens do movimento skinhead que surge na Inglaterra no final da década de 1960. A Inglaterra naquele período era o cenário de muitos grupos juvenis como os rudeboys ou rudies (conjuntos de imigrantes jamaicanos conhecidos por posturas violentas e machistas) e os mods (gangues violentas retratadas no filme *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick).

Os skinheads surgiram, inicialmente, como grupo juvenil não racista que frequentava círculos dos mods (sendo conhecidos como hard mods) e dos rudeboys nas festas de ska (gênero musical jamaicano). Eram em sua maioria filhos de operários, vangloriavam-se ao afirmar ser um movimento genuíno de trabalhadores nacionalistas na construção de suas fronteiras de identidade social e territorial. Além do sentimento exacerbado pelo futebol (defesa do território), os primeiros skins articularam a construção de sua identidade social – botas, suspensórios e calças jeans como elementos de identificação com a estética dos operários ingleses –, da mesma forma utilizaram como marca identitária as cabeças raspadas, em oposição aos hippies, identificados pelos skinheads como cabeludos, usuários de entorpecentes e alienados. Elementos estéticos legados à cultura skin contemporânea.

Fontes bibliográficas apontam que a estética das cabeças raspadas é oriunda também de estratégias para melhor desempenho nas brigas de rua (não poderiam ser agarrados pelos cabelos) e tem relação também com justificativas relacionadas à ideia de higienização. Neste sentido, as cabeças raspadas e o fisiculturismo estão articulados à ideia de saúde, força e virilidade, e a conduta moral rígida está articulada à concepção de força moral, sendo possível a interpretação da aproximação destes ideais da cultura skinhead com valores de concepções de eugenia.

A Inglaterra no contexto das primeiras manifestações skinheads recebeu um grande número de imigrantes, sobretudo jamaicanos e paquistaneses, que foram inseridos como mão de obra barata. Com a crise econômica da década de 1970, ocasionada pela alta mundial do preço do petróleo, as taxas de desemprego começaram a aumentar e, para muitos ingleses, a situação de desemprego era ocasionada pelos imigrantes que aumentavam a concorrência no mercado de trabalho. Começaram naquele contexto a ocorrer na Inglaterra as primeiras

ações violentas de skinheads contra imigrantes que foram acusados e responsabilizados pelo desemprego, somam-se também aos reflexos da crise econômica os conflitos entre os skinheads e as culturas juvenis então em voga.⁴⁴

Naquele contexto, concepções chauvinistas (nacionalismo radical) e xenófobas (aversão ao estrangeiro) começaram a fazer parte dos valores defendidos pelos skinheads, alterando a configuração ideológica dos primeiros skins. Apareceram assim os primeiros sinais da inclinação de determinados segmentos desta cultura urbana juvenil: as estratégias racistas e violentas para afirmação de sua identidade enquanto grupo social.

Na década de 1980 ocorre um segundo momento na construção da identidade skinhead, a construção de uma identidade mais politizada e muitos grupos começaram a rearticular-se e identificar-se com propostas de partidos chauvinistas como o National Front (Frente Nacional), partido político inglês defensor de ideais nazistas; ocorre então, entre os skins ingleses, a inserção de valores relacionados à pureza racial e a necessidade de um espaço vital de uma sociedade sem imigrantes para a construção de uma Inglaterra somente para os ingleses.

A partir daquele contexto, a constante pressão da mídia acerca da infiltração do preconceito racial dentro de grupos skinheads resultou no surgimento de um maior engajamento político entre os “cabeças raspadas” (tanto à esquerda quanto à direita) derivando na fragmentação em vários submovimentos rivais. Desde então, existem conflitos entre as diversas tendências sobre o legado da cultura skinhead.

Naquele momento, década de 1980, muitas organizações skins passaram a se identificar de forma explícita com ideias nazistas, ganhando então visibilidade a vertente skinhead white power (ou boneheads, como são chamados pejorativamente dentro da cultura skinhead). Começavam também a aparecer em outros países jovens que assumiram os valores e a estética skinhead, sendo que, nos Estados Unidos, muitas organizações skins estabeleceram

44 “Tratava-se de uma revolta antiburguesa que reivindicava os valores da comunidade e da solidariedade da classe operária, um fenômeno de banda e de moda em que o racismo estava ausente: os skinheads escutavam duas variantes da música negra, o ska e o steady beat. Depois, no começo dos anos de 1970, ocorreu uma evolução fundamental: os jovens trabalhadores brancos e os jovens negros divergiram musicalmente quando o reggae tornou-se uma música de reivindicação cultural do rastafarianismo. O movimento skinhead (inglês) cessa, então, de ser multirracial, e a radicalização ideológica dos skinheads começa: alguns se tornam membros do National Front ou do British Movement, outros engrossam a fila dos hooligans nos estádios de futebol.” (Camus, 2000, p.420).

vínculos com a Ku Klux Klan (KKK) organização racista atuante desde o final do século XIX, conhecida pelo extermínio de negros no sul daquele país.

No Brasil, as primeiras organizações skinheads datam também do início da década de 1980, sem vínculo direto com ideais nazistas, oriundos de facções divergentes existentes dentro do movimento punk brasileiro, e logo se organizaram de forma independente, tornando-se inimigos dos punks devido à incompatibilidade ideológica entre ideias nacionalistas e conservadoras em oposição aos valores anarquistas (especificamente dos anarcopunks) e às posturas libertárias.

Os primeiros skinheads brasileiros atuavam inicialmente na zona leste da cidade de São Paulo, por ser uma região periférica, esta facção foi denominada Carecas do Subúrbio, organização composta por jovens trabalhadores das indústrias e comércio de São Paulo, segundo os pesquisadores sobre o movimento skinhead brasileiro Alexandre Almeida e Márcia Costa (2011, p.250).⁴⁵

A influência de partidos e organizações chauvinistas buscando atrair os jovens foi marcante surtindo o efeito de dividir determinados agrupamentos de Carecas do Subúrbio que se identificaram com ideias integralistas e fracionando skinheads que começaram a se identificar com o nacional-socialismo e com concepções políticas.

Diante da crise econômica da década de 1980, afetando o mercado de trabalho na área onde surgiu este grupo, os Carecas do Subúrbio propagaram-se

45 “Os primeiros skinheads que apareceram no Brasil assumiram a denominação de Carecas do Subúrbio. Eles surgiram em nosso país mais ou menos no ano de 1978, na Zona Leste da cidade de São Paulo, e em cidades localizadas na região metropolitana. As informações que chegaram para jovens sobre a existência de skinheads na Inglaterra e Estados Unidos tiveram procedências diversas, como meios de comunicação de massa (revistas, jornais e programas de televisão) e discos importados das bandas desse estilo musical, que eram pirateados em fitas cassete, para viabilizar a venda, por conta do baixo preço. Além disso, seguindo uma forma de atuar herdada dos punks, os carecas teceram uma rede alternativa nacional e até internacional que incluía troca de informações e contatos entabulados de diversas maneiras, como *fanzines*, cartas e músicas. O contínuo fluxo de informações trouxe dados sobre as particularidades e transformações na cena skinhead internacional. Dessa maneira, relatos sobre a atuação de organizações racistas entre os skinheads europeus e norte-americanos também começaram a circular entre os carecas brasileiros. Na minha pesquisa sobre a formação do Poder Branco Paulista, uma facção skinhead local, entrevistei um antigo membro dos Carecas do Subúrbio, que me relatou os intensos contatos com o exterior, por meio de correspondência, e como foram importantes para conhecer algumas características da cena *skinhead white power*, e também as bandas e os *skinzines*, como o inglês Blood And Honour e o belga Pure Impact. Todos esses contatos foram importantes e, como veremos a seguir, a relação com organizações nacionalistas brasileiras revelou-se fundamental em todo o processo de politização vivido pelos skinheads locais.” (Almeida, 2011 p.248).

com a afirmação de sua identidade baseada nos pressupostos ideológicos de um “nacionalismo proletário” em repúdio às transformações oriundas da introdução das políticas neoliberais do período. Para os Carecas do Subúrbio, que posteriormente se organizaram no Rio de Janeiro e em outras regiões do país também sob a denominação de Carecas do Brasil, o movimento não era “nem racista nem fascista”. A internet, como é cada vez mais noticiado pela imprensa, é hoje o novo território de atuação de vários grupos chauvinistas de diferentes vertentes, como os denominados Carecas do Brasil, Carecas do ABC e skinheads nazistas *white power*.

A articulação entre grupos juvenis nacionalistas foi potencializada através dos recursos de comunicação com armazenamento e compartilhamento de informações e recursos imagéticos, como vídeos, fanzines virtuais, além dos textos de formação política e de informações sobre encontros, show, e sites de interesse de skinheads e nacionalistas em geral. No YouTube alguns vídeos também colocaram em evidência as relações entre carecas integralistas e nacionalistas.

No vídeo denominado “Carecas e nacionalistas unidos Ativismo 7 de setembro, anti-comunismo, anti-Dilma, PT, Foro de SP” foram disponibilizadas imagens de ações de carecas de diferentes tendências no desfile de 7 de setembro na cidade do Rio de Janeiro. Abaixo do vídeo constam as seguintes informações “Ativismo Patriota conservador no Rio de Janeiro” e, entre as siglas das organizações que participaram do ato, foi constatada a referência ao Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B).

Entre as fontes analisadas nesta investigação, um vídeo esclarecedor da relação entre skinheads e carecas integralistas comprovando suas estratégias e ações para a propaganda de concepções chauvinistas foi o intitulado “Carecas Força Nacionalista”, que abordou imagens de grupos de carecas ostentando cartazes com frases nacionalistas em um desfile militar, sob a música “Manifesto Nacionalista” da banda careca denominada Anti Narcose. A música tem como letra a homenagem ao antissemite Gustavo Barroso e ao final do vídeo há a seguinte mensagem final “Agradecimento ao NIERJ, Brigadas Integralistas, Carecas do Subúrbio SP e todas as forças nacionalistas.”⁴⁶

46 Carecas Força Nacionalista. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=bj4JjQgqbGY&skipcontrinter=1>. Acesso em: 14/4/2012.

As vítimas das agressões de skinheads são em sua maioria militantes de esquerda, homossexuais, consumidores de entorpecentes, grupos juvenis como roqueiros e punks. Estes são os inimigos mais comuns dos skins. A violência ganha, sobretudo, justificativas homofóbicas (aversão aos homossexuais), e ações de perseguição e espancamentos de homossexuais tornaram-se uma das marcas mais distintivas dos segmentos homofóbicos entre skinheads de muitos países, porém é importante ressaltar que também a homofobia não é um elemento compartilhado pelo universo ideológico que orienta todas as tendências de “cabeças raspadas”.

A diferença mais notória entre os diversos grupos skinheads⁴⁷ ocorre entre aqueles que defendem a supremacia branca – os *white power*. Para estes, o combate nas ruas tem como principais alvos os negros, pessoas portadoras de necessidades especiais, judeus, imigrantes em geral, anarquistas e marxistas. E, no caso brasileiro, em especial, a vítima muitas vezes é o migrante nordestino.

Para diferenciar o conjunto de skinheads brasileiros é necessário pontuar que existem facções com diferentes graus de exclusão no espectro político e cultural; como os Carecas do ABC, que são em parte integralistas. Assim, com o mesmo lema dos seguidores de Plínio Salgado na década de 1930, os Carecas do ABC acreditam na tríade – Deus, Pátria e Família – entrando em evidência a questão do arcabouço moral embasado em elementos do catolicismo, sendo característica ideológica singular desta facção skinhead.

Segundo Costa e Almeida (2011), como reação à associação da imagem skinhead ao racismo e como manifestação de uma ideologia “genuinamente nacional” segmentos dos Carecas do ABC a partir da década de 1980 começaram a se identificar com o integralismo (Almeida, 2012, p.7).

47 “Os carecas do subúrbio, já apresentavam em seu interior diferenças de concepções e divergências entre lideranças. No início da segunda metade da década de 1980, o estilo skinhead se espalhou por várias cidades brasileiras, na forma de facções, assumindo novas denominações e ostentando contradições e disputas internas. Essas novas facções, tanto em maior ou menor grau, se aproximavam dos Carecas do Subúrbio, quanto refletiam novas facetas dos skinheads existentes em outros países, relações tecidas com determinados grupos racistas e nacionalistas, e mesmo a sociedade em geral, particularidades e processos locais. Assim, surgiram os Carecas do ABC, Carecas do Ceará, Carecas da Baixada, Carecas da Bahia, Carecas do Vale do Paraíba, entre outros grupos. Já o Poder Branco Paulista, ao negar a postura nacionalista e propor uma ‘São Paulo branca’ contra um ‘Brasil mestiço’ se constituiu em outra facção.” (Almeida, 2011, p.253).

A relação entre skinheads que se apresentam como seguidores da ideologia do Sigma e os integralistas organizados é polêmica,⁴⁸ pois, para os militantes integralistas os skinheads, em sua maioria, são estigmatizados como desordeiros e violentos. E, para os skins, os integralistas são vistos como muito “intelectualizados e pouco propensos à ação direta”:

A relação entre os *skins* “verdes” e outros militantes do integralismo é marcada por momentos de aproximação e tensão, pois muitos militantes das organizações integralistas viam e veem com certa apreensão, a inclusão de *skinheads* em seus grupos. Essa apreensão é motivada pela imagem estigmatizada do grupo e pela consequente repercussão negativa na imprensa; pela conduta violenta de alguns membros e pelos possíveis conflitos com grupos rivais, como punks e “antifascistas”; pelas discordâncias doutrinárias (como a questão do antissemitismo e a negação do Holocausto); pela ameaça de deturpação da doutrina; pela falta de disciplina e recusa de muitos *skins* de abandonar seu estilo, especialmente no que diz respeito à estética visual belicosa. Os *skins* criticavam e ainda criticam os militantes integralistas “tradicionais” por considerá-los manipuladores e indivíduos demasiadamente “intelectualizados” e não realizarem atividades do tipo “ação direta” nas ruas. (Almeida, 2011, p.6)

As ações dos “cabeças raspadas” (tradução literal do termo *skinhead*) evidenciam seus reais valores; como, por exemplo, o caso dos dois adolescentes atacados por “carecas” em um trem na região metropolitana de São Paulo em 7 de dezembro de 2003. O adolescente Flávio Augusto do Nascimento Cordeiro,

48 “Cito dois exemplos desses momentos de tensão. Um deles ocorreu durante o evento em comemoração ao Dia do Trabalho, na década de 1980, na Praça da Sé (SP). O evento, organizado por partidos, sindicatos e organizações de esquerda, sofreu uma tentativa de invasão por parte de um grupo de nacionalistas, encabeçado por Anésio Lara Campos, com a participação de alguns Carecas do Subúrbio. Segundo alguns entrevistados que estavam presentes no evento, Anésio foi acusado de manipulá-los provocando assim a prisão de vários membros dos carecas, enquanto ele saiu incólume. Pouco tempo depois, Anésio seria agredido por alguns desses skinheads. O segundo exemplo foi uma discussão entre o militante integralista Cássio Silveira e ex-membros dos carecas do subúrbio, durante o I Congresso Integralista para o século XXI, realizado em São Paulo, em 2004. Durante o debate sobre a formação do Movimento Integralista Brasileiro (MIB), a participação de skinheads foi rechaçada por Cássio Silveira, por considerá-los muito violentos. Tal acusação foi rebatida pelos ex-membros do grupo, justificando a aceitação dos skins, pois para eles esses grupos podem ser considerados a ‘porta de entrada’ para os jovens que se interessam pelo nacionalismo.” (Almeida, 2011, p.6).

de 16 anos, perdeu o braço direito e Cleiton da Silva Leite, de 20 anos, morreu após traumatismo craniano, ambos trajavam camisetas de bandas de rock e tinham cabelos compridos e por isso foram intimados a pular do trem em movimento para não serem assassinados dentro do vagão pelos skins.⁴⁹

Existem várias facções, nem todos aderem aos mesmos componentes ideológicos, sendo entretanto o chauvinismo a marca identitária maior entre estas três vertentes: os autodenominados “antirracistas”, porém conservadores, homofóbicos e violentos (Carecas do Subúrbio), valores estes, também compartilhados pelo conservadorismo dos “carecas integralistas” (Carecas do ABC), e somam-se a este mosaico da insanidade os “neonazistas e nacional-socialistas” (skinheads white power), marcados pelas características ideológicas do racismo, homofobia e xenofobia.

Ambas as vertentes são relativamente organizadas nas grandes cidades em grupos autônomos, sendo os white power o segmento mais singular, fato que exacerba os antagonismos destes com as demais vertentes. Mas, em cidades do interior onde existem poucos skinheads, em eventos musicais ou em manifestações públicas, é comum a presença de militantes de grupos diferentes, ocasionando, muitas vezes, conflitos ou até mesmo tolerância momentânea devido ao respeito pela cultura skin e a causa nacionalista. Como apontaram Costa e Almeida (2011, p.420), independentemente das divergências ideológicas entre facções skinheads e grupos nacionalistas existem elementos que comprovam a articulação destes agrupamentos. Destacam-se, neste sentido, as referências que os autores em questão têm sobre a participação de Anésio Lara Campos, importante militante integralista que buscou a aproximação dos skinheads com a ideologia integralista.

Os antagonismos entre as facções skins são ainda mais complexos, levando em consideração o surgimento dos “cabeças raspadas” antifascistas (antifas), potencializando as divergências entre esquerdistas e direitistas, racistas e não racistas, politizados e apolíticos. Assim, surgiram os Sharp (skinheads against racial prejudice – skinheads contra o preconceito racial), cujo princípio é ser contra toda forma de discriminação racial e fascismo; apresentam-se como

49 “Skinheads se apresentam a polícia de Mogi das Cruzes em SP”, *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u87054.shtml>>. Acesso em: 4/6/2009. Sobre o assassinato de Edson Neris, consultar a pesquisa resultante da dissertação de Mestrado de Carlos Eduardo França (2008), *O linchamento de Edson Neris da Silva: reelaborações identitárias dos Skinheads “carecas do Brasil” na sociedade paulista contemporânea*.

apolíticos. E, os Rash, (red and anarchists skinheads – skinheads vermelhos e anarquistas), que promovem ideologias esquerdistas em princípio como mais uma forma de combate aos white powers. Assim, estes grupos em específico não se ajustam à conceituação genérica de movimentos de extrema direita, sendo a argumentação sobre estas vertentes.

O terceiro momento na construção da identidade skinhead é no final da década de 1980 e início de 1990, com a organização de grupos internacionais como “Blood and Honour” e a Hammerskin Nation (organização de neonazista originária dos EUA atualmente com filiais em vários países).⁵⁰

No ano de 2005, por exemplo, em Portugal, ocorreram grandes manifestações promovidas pela Frente Nacional portuguesa – organização composta também por militantes skinheads que integram a Hammerskin – seus discursos subordinaram-se a temas contra a criminalidade, a imigração e a entrada da Turquia na União Europeia.

O movimento skinhead no início do século XXI é segmentado. Isso deve ser ressaltado para evitarmos generalizações deficitárias. A cultura skinhead é caracterizada por tendências ideológicas distintas segundo as quais nem todos são racistas, porém a utilização da violência é elemento comum entre determinados segmentos skinheads, quando, por exemplo, ocorrem embates entre skins neonazistas e skins antinazistas.

É até possível ponderar que nem todo skinhead pode ser colocado neste bojo, porém devemos estar atentos para a aceção que exceções não fogem ao preceito.

O acesso aos vídeos do YouTube também possibilita obter informações de programas jornalísticos sobre os crimes e a atuação de grupos skinheads, e existem vídeos propriamente criados por militantes skins nos quais estão evidenciados elementos ideológicos que possibilitam a interpretação da aproximação de muitos destes grupos no Brasil com as características ideológicas e organizativas de movimentos e organizações skinheads atuantes em diversos países.

Existem, entretanto, sites e blogs de grupos que pregam a não violência entre os skinheads, estes segmentos são minoritários dentre os diversos grupos de “cabeças raspadas”. São os defensores da vertente skin tradicionalista, que preza mais a cultura do movimento, sua estética e musicalidade.

50 Cf. Camus (2000, p.420).

O fato é que com a popularização da cultura skinhead, em muitos países, jovens cresceram num ambiente de contato contínuo com a estética, as músicas e grupos skins, encarando então a identidade skinhead como manifestação apenas de uma cultura urbana, uma “cultura das ruas”. Porém, analisando as origens da cultura skinhead inglesa, a partir do final da década de 1970 e seu desdobramento em certos segmentos skins na atualidade é pontual ressaltar os vínculos ideológicos existentes entre as práticas de muitas organizações e os valores defendidos há décadas por extremistas de direita: a defesa do território baseada num paradigma chauvinista e xenófobo e a afirmação de suas convicções políticas através da violência contra seus antípodas.

É evidente que a cultura skinhead é multifacetada e existe uma diversidade de tendências. Porém, tratando-se da relação da cultura skin contemporânea e elementos de caráter militarista, os skins apoiam o militarismo em sentido amplo, neste perfil de opiniões ecléticas defendidas pelos skinheads. Mas na forma de organização, alguns valores defendidos e alguns elementos estéticos têm relação direta ou indireta com aspectos da cultura militar. Entre eles destacam-se a preparação física e o treinamento constante, pois se argumenta na cultura skin que os mesmos são guerreiros urbanos. A preparação para o combate através do aprendizado de táticas de confronto, como o conhecimento de esportes de contato e, em alguns casos, a utilização de armas brancas ou de fogo (como fica evidente através de boletins policiais que flagraram o porte de armas por determinados skins não só no Brasil, mas em outros países).

As formas de organização de alguns segmentos skins remetem ao modelo organizacional paramilitar. Por exemplo, o livro de Márcia Regina Costa. *Carecas do Subúrbio, caminhos de um nomadismo moderno* (1993), foi elaborado através de várias entrevistas com “carecas do subúrbio e do ABC” (adaptação brasileira do modelo skinhead europeu buscando criar uma identidade integralista para o movimento dos “carecas”). No livro, vários militantes entrevistados relatam que articularam uma hierarquia com direito a soldados e generais entre seus componentes. A autora constatou que muitos carecas do subúrbio afirmaram que “um dia teriam um exército de carecas para salvar o Brasil.”

Os militantes de muitas organizações portadoras de ideologias skinheads apresentam em sua práxis política a afirmação dos valores conservadores de princípios de conduta social, sexual e familiar, o repúdio às concepções políticas igualitárias e, elemento distintivo maior, o chauvinismo como paradigma

político. Estes valores norteiam, por exemplo, os Carecas do ABC e os Carecas do Subúrbio em suas ações de violência contra punks, roqueiros, homossexuais, e no embate político direto, marxistas ou anarquistas. Já o paradigma racial de cunho nazista está presente em neonazistas e nacional-socialistas.

Estes valores chauvinistas e violentos, com exceção das ideias raciais, foram expressados também pela organização Juventude Nacionalista Brasileira, que foi articulada na segunda metade da década de 1990 por segmentos dos Carecas do ABC e buscou se vincular ao integralismo no sentido de proporcionar uma identidade política nacional aos skinheads brasileiros que estavam sofrendo influência de culturas skinheads estrangeiras, como os skins racistas e os de tendência Sharp.⁵¹

A atuação dos movimentos e partidos políticos chauvinistas é complexa e difusa, estes estão atuantes desde o início do século XX, em diversos países, ganhando configurações e perfis distintos em cada época histórica. E esses diferentes grupos podem atuar na sociedade como gangues skinheads ou através de grupos políticos mais estruturados, como associações civis sem registro partidário, como os grupos integralistas contemporâneos ou como, até pouco tempo, os nacional-socialistas brasileiros do PNSB. Outra dimensão são as organizações que atuam ou atuavam até recentemente nas instituições representativas, um exemplo é o Partido da Reedificação da Ordem Nacional (Prona), que elegeu diversos deputados federais e estaduais no Brasil e colocou Enéas Carneiro em 1989 como o terceiro candidato mais votado na primeira eleição presidencial após mais de vinte anos de ditadura militar.

Na Europa, os casos mais notórios são o do Partido Nacional Renovador de Portugal e o da Frente Nacional da França, popularizada por Jean Marie Le Pen e agora sua filha e substituta Marine Le Pen. Porém, o que une essas diversas manifestações internacionais e nacionais do fenômeno em questão, o chauvinismo, é o discurso por uma ordem social estabelecida em critérios

51 “[...] uma parcela dos carecas do ABC optou em se vincular novamente ao integralismo e, na segunda metade da década de 1990, estruturaram um movimento denominado ‘Juventude Nacionalista Brasileira’” (JNB). Esse movimento articulou-se com outros grupos *Skinheads* brasileiros que tinham fracassado na tentativa de implantar o *SHARP* e adotaram elementos do Integralismo, mesclado com a conduta *Skinhead*, como ideologia. [...] O integralismo seria o movimento nacionalista local nos qual os Skinheads dos anos 1990 se inspirariam. Basicamente, havia dois polos da JNB: um em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, e o outro em Niterói (RJ), formado pelos Skinheads daquela localidade, além de núcleos em Fortaleza (CE), Barra do Pirai (RJ) e Porto Alegre (RS).” (Almeida, 2011, p.253; 259-260).

morais e de higienização social sob as bandeiras do nacionalismo, do anticomunismo, do antiliberalismo e da intolerância, em oposição àqueles que não compartilham com seus valores.

Como fundamentado neste capítulo, logo após a morte de Plínio em 1975 iniciativas foram executadas para a continuidade do integralismo, a primeira ação foi o lançamento do jornal *Renovação Nacional* (1978), editado por Jader Medeiros. O jornal estava ligado à Cruzada de Renovação Nacional. Outra tentativa de retomada integralista ocorreu em 1979 quando Gumercindo Rocha Dórea, Holanda Cunha e Walter Povoleri tentaram reorganizar a AIB. Mais uma organização que ambicionou o retorno do integralismo foi o Movimento Popular de Apoio à Fundação Plínio Salgado (MPAPS). A Associação Cívico-Cultural Minuano, fundada em 1957 e localizada então na antiga sede do PRP de Porto Alegre, também reunia integralistas e promovia reuniões, conferências e debates. As iniciativas de Anésio Lara Campos de reorganizar a Ação Nacionalista Brasileira e, posteriormente, uma nova Ação Integralista Brasileira, também foi uma expressão da busca de reorganização do integralismo.

A Casa Plínio Salgado, liderada pelos irmãos José e Pedro Batista, na cidade de São Paulo, foi fundada em 1981 e, na década seguinte, em São Gonçalo no Rio de Janeiro. Além do Centro Cultural Plínio Salgado, assim como o Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI) e o Centro de Estudos Históricos e Políticos a Casa também foi parte dos esforços dos militantes pela preservação das organizações integralistas.

As organizações citadas foram as responsáveis pela possibilidade de continuidade da difusão da ideologia dos herdeiros do Sigma e contribuíram para a consolidação de novos aparelhos, como a Frente Integralista Brasileira (FIB), o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B) e a Ação Integralista Revolucionária (AIR).

Entre as expressões chauvinistas as manifestações juvenis como os skinheads integralistas também contribuem para a configuração do panorama diversificado das formas como o nacionalismo é instrumentalizado como fundamento para a prática dos ativistas destas respectivas organizações.

Nos próximos capítulos a análise imanente das publicações dos intelectuais do Sigma foi orientada na busca por uma maior compreensão da particularidade dos integralistas diante das manifestações chauvinistas que fazem parte do cenário político nacional contemporâneo.